ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL PÚBLICO N.º 10.952 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

GABRIEL SOUSA

Diplomacia das máscaras, o novo negócio da China

P4 a 11

Índice

Agora ou nunca: um 25 de Abril na Europa

O que é meu é teu

Vítor Belanciano

Nestes dias, ouve-se muita gente dizer que, no contexto actual de isolamento social, era preferível nem celebrar o 25 de Abril. Nada mais errado. Noutras alturas, entendiam-se algumas críticas que apontavam para uma necessidade de reinventar as comemorações. Havia um contexto que parecia esvaziar os rituais habituais.

Agora não. O momento é excepcional. Os valores da democracia e da liberdade, seja para gerir a actual crise sanitária ou a socioeconómica que está à porta, têm de ser reafirmados. Não é apenas por Portugal. É pelo mundo. Cada vez mais, de forma nítida em alguns casos, ou velada noutros, aquilo a que se assiste é ao seu atropelo. Houve uma altura em que se pensava que existia uma correlação entre dinamismo económico e democracia.

Agora aí está a China a mostrar que não precisa dela para nada, enquanto as lideranças e as elites políticas e económicas dos EUA, da Rússia ou do Brasil, a olham como um empecilho na expansão dos seus privilégios. A ironia do nosso tempo é essa. Assistimos à instauração de uma nova ordem que vai alastrando pelo globo feita dessa mescla de modo de produção hipercapitalista, Estado autoritário e nacionalismo. A médio prazo, o que poderá acontecer é o desaparecimento gradual da democracia. Se não queremos ir por aí, esta é a altura de a União Europeia, e de Portugal, o demonstrar.

É em momentos de fragilidade que se pode regressar lá atrás e pensar, de forma simples, nos fundamentos dos problemas, como olhávamos para eles no início e o que nos movia para os resolver, não para reiterar o passado, mas para idealizar outra linguagem e novas políticas. Tenho uma inveja saudável de quem viveu o 25 de Abril, de quem projectou desígnios e que os confirmou ou teve oportunidade de se desiludir também. Deve ter sido inolvidável essa vontade transformadora. Noutro cenário, para mim, e outros que ainda eram miúdos em 1974, o seu 25 de Abril é a União Europeia.

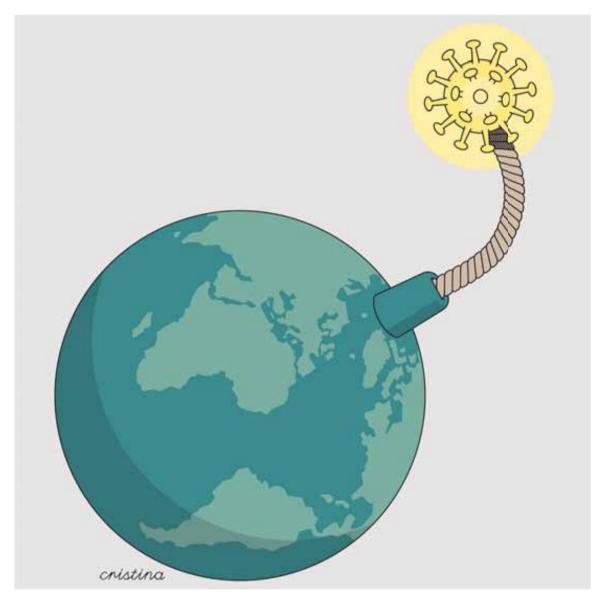
Ninguém disse que as utopias eram fáceis. A da UE não o é. Este é um momento fulcral. Ou a UE se reduz a um papel insignificante, para regozijo de Trump ou Putin, ou se afirma como um laboratório político, capaz de reafirmar valores perenes, como reflexo de sociedades solidárias, justas e livres, e projectar-se como farol alternativo para o mundo. E para isso acontecer, como Macron vincou em entrevista ao *Financial Times*, é imperativo ter consciência de que um modelo de globalização e de capitalismo – assente nas desigualdades e no minar da democracia – chegaram ao fim de um ciclo, sendo preciso erguer uma nova realidade, onde a UE seja acima de tudo projecto político e não só mercado económico.

Que seja alguém como Macron a dizê-lo pode gerar reservas, mas as suas palavras vão na direcção certa. Resta ver a acção. Muito mais terá de ser feito, para além das palmas e dos planos avançados na última reunião do Eurogrupo. De contrário, o resultado desta epidemia será a prevalência de um novo tipo de totalitarismo, que sacrifica os frágeis, impõe assimetrias e prescinde da democracia.

Por tudo isso, celebre-se o 25 de Abril. Faça-se uma sessão solene restringida, mas não nos fiquemos por aí. Use-se a imaginação, essa ferramenta da emancipação. Não se pode descer a Av. da Liberdade, mas quem sabe se uma única pessoa fazê-lo não terá mais ressonância simbólica, como o Papa Francisco ainda há pouco tempo demonstrou na Praça de São Pedro? Enfim, invente-se. Não podemos ir em grupo para a rua, mas utilize-se as janelas e o estarmos com jovens e crianças, e façamos-lhes ver que estamos a viver uma ocasião decisiva do presente que já é futuro.

Jornalista

Desalinho

Cristina Sampaio

A seguir

25 de Abril sem desfiles

Comemorar Abril

Pela primeira vez desde a Revolução, as comemorações do 25 de Abril não vão assumir festejos de proximidade, como tradicionalmente acontece nesta data. A liberdade conquistada em 1974 terá de ser celebrada de forma mais individual ou com o distanciamento social que as recomendações da DGS aconselham, para tentar travar a evolução do surto de covid-19, que desde o início de Março atingiu também Portugal. Foi justamente no final de Março que a Associação 25 de Abril cancelou o desfile na Av. da Liberdade, em Lisboa, e pediu aos portugueses para irem nesse dia à janela pelas 15h00 cantar a *Grândola, Vila Morena*, apelo a que se juntaram o secretário-geral do PCP e o PAN. Este partido foi, aliás, um dos que se manifestaram contra a realização do protocolo habitual na Assembleia da República, que neste ano de excepção vai manter discursos e demais celebrações perante cerca de 130 deputados e convidados. O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa foi uma das figuras do Estado que defenderam que o 25 de Abril "tem de ser comemorado", porque nem o país nem a democracia estão suspensos, apesar do estado de emergência em vigor.

Ficha técnica
Director Manuel Carvalho
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designers Marco Ferreira e Sandra Silva **Email** sgomes@publico.pt

Purificação

Grande angular
António Barreto

Tanta gente quer aproveitar a pandemia para ajustar contas! Os argumentos parecem suspiros. Uns dizem com ar compenetrado "nada ficará como dantes!", após o que os optimistas mostram como se deve aproveitar para mudar a sociedade e corrigir defeitos, enquanto os cépticos, além do desemprego, antecipam perda de direitos, regresso da censura, aumento da exploração, explosão da dívida e crescimento da desigualdade. Os mais políticos garantem que "é necessário corrigir políticas a fim de evitar outras crises".

Assim é que não faltam os que querem aproveitar a oportunidade. Uns consideram que é a altura ideal para acabar com o capitalismo. Dado que o Estado tem obrigatoriamente de intervir, depois de resolvidos os problemas, fica por lá e nacionaliza empresas: a TAP, por exemplo, a EDP, a Galp, os bancos e outras. Não se admite, dizem, que o Estado tome conta quando há problemas e saia quando estes estão resolvidos. Como a economia não é tudo, a mesma decisão de centralização assegura o exclusivo do Estado na saúde e a educação. Hospitais e escolas devem ser nacionalizados o mais rapidamente possível, só assim se põe termo à evidente desigualdade de tratamento durante a epidemia.

Por via do comércio de produtos farmacêuticos, de desinfectante, de máscaras, de luvas e de viseiras, esta crise revelou a necessidade absoluta de reexaminar o funcionamento da economia desses sectores: muitos defendem com convicção a necessidade imperiosa de os nacionalizar imediatamente.

Outros afirmam que é o momento adequado para acabar com o racismo. Durante a pandemia, todos têm de ser tratados por igual, o que faz com que os dispositivos de discriminação positiva fiquem em vigor por longos anos. No mesmo ímpeto, os estatutos dos estrangeiros, as autorizações de residência, as portas abertas aos pedidos de refúgio e uma atitude tolerante relativamente à imigração devem entrar imediatamente em vigor.

Outras espécies de cidadãos julgam ter bem percebido a origem da pandemia. É evidentemente do estrangeiro que vem, foi na China que tudo começou e é através das migrações que o contágio se processa. Não restam dúvidas: travão a fundo na imigração e proibição de residência a asiáticos e africanos. Há mesmo quem inclua judeus e muçulmanos nesta lista de perigos. Segundo estes preclaros defensores da portugalidade, a nação e a Europa estão em perigo. Salvar uma e outra implica fechar portas e impedir mestiçagens.

Depois há os que querem acabar com a União Europeia. A falta de solidariedade entre europeus, a ausência de um poder democrático e eficiente, o império da Alemanha e das grandes empresas privadas, a influência das maçonarias e os novos costumes fazem com que o "projecto europeu" se tenha transformado num mau serviço prestado aos cidadãos.

Não escondendo um oportunismo de gigantescas proporções, os planeadores e os engenheiros de almas e de sociedades não disfarçam as suas ambições de melhorar radicalmente o mundo em que vivemos. Assim, aproveitar a crise e a emergência para reforçar o poder do Estado, acabar com a desordem urbana, liquidar os excessos de consumo e de lucros são condições para um futuro melhor.

Os partidários de uma racionalidade bem diferente, amigos declarados da autoridade e defensores de uma cuidadosa vigilância, consideram urgente controlar os cidadãos, combater os excessos de defesa da privacidade, registar os movimentos de cada um, vigiar as redes sociais, gravar conversas e seguir os passos de todos: só assim se conseguirá evitar mais contágio e novas epidemias. É urgente, dizem, aproveitar esta oportunidade.

Os pensadores mais abstractos e seguramente mais ameaçadores elevam o tom do debate e consideram, todos os dias nas páginas dos jornais e nos ecrãs de televisão, que é urgente mudar o modelo de sociedade, substituir os valores vigentes e alterar os padrões de consumo. Para esses visionários, só nos salva um novo paradigma de relações sociais e de hábitos! É este o momento!

Infelizmente, em muitos aspectos, as condições excepcionais da pandemia em nada alteraram os debates tradicionais. Os simpatizantes da esquerda apoiam tudo o que for aumento do Estado e eliminação do que seja privado. Os simpatizantes da direita... vice-versa! É um confronto de posições adquiridas, não é um debate político. É um confronto que serve para contar partidários, não para elaborar ideias.

Infelizmente, em muitos aspectos, as condições excepcionais da pandemia em nada alteraram os debates tradicionais

É verdade que da situação actual podem resultar perigos e ameaças. Direitos dos cidadãos ameaçados. Privacidade violada. Trabalho sem protecção. Despotismo dos poderosos no Estado ou na empresa. E mais... Mas não tenhamos dúvida de que grandes perigos vêm dos que querem salvar a humanidade, mudar paradigmas e substituir modelos de sociedade. São esses engenheiros, por ninguém mandatados, intelectuais de *boulevard* ou da favela, que inventam sociedades e transformam a crise em alavanca. Para eles, a miséria é purificadora e precede o renascimento. A história e a mitologia estão cheias desses momentos de redenção. O mais famoso talvez seja o Dilúvio, inundação planetária contada nos livros do Génesis ou nos Puranas hindus. As Pragas do Egipto, contadas no Êxodo, são outra forma de castigo. A peste, Negra ou Bubónica, faz parte do mesmo rol. Muitas outras catástrofes, inundações, fomes, terramotos, vulcões e grandes incêndios marcaram, ao longo dos séculos, a história dos povos. Muitas atingem números inimagináveis de dezenas de milhões de mortos! Sem falar noutras desgraças, como a varíola, a tuberculose, a sida e o sarampo cuja acção fatal se prolonga por vários anos ou décadas.

Como é sabido, grandes pragas ou desastres podem transformar-se depois em pretextos para esclarecer o poder. O nosso Marquês de Pombal é um exemplo, real ou mitológico, de como é possível aproveitar um desastre para estabelecer um ditador.

Tal como os que desejam aproveitar as catástrofes, também os belicistas defensores do apuramento da humanidade repetem a ideia de que é necessária uma guerra para purificar. Porque há gente a mais. Porque há fome. Porque há declínio das sociedades com costumes degradados. Perante estes desenvolvimentos, uma nova guerra poderia fazer jeito. Reduziria as bocas e diminuiria a pressão dos estrangeiros.

A ideia central destas reflexões é a de que uma guerra purifica. Partindo do princípio de que morrem os maus e ficam os bons. Com a pandemia actual, não andamos muito longe desses devaneios. É impressionante o número de pessoas que esperam que uma catástrofe seja a oportunidade para resolver problemas. Eles não sabem o que dizem...

Sociólogo

Com a “diplomacia das máscaras”, China afirma-se como salvadora do mundo

As doações são actos de generosidade espontânea ou parte de uma política concertada de Pequim? Diplomatas que conhecem a política e a história chinesas não hesitam: a China quer ser vista como “salvadora do mundo”, um país generoso e altruísta, para fazer negócios

Por Bárbara Reis

Que se saiba, o Presidente Xi Jinping não fez nenhum apelo público para que as empresas da China ofereçam materiais para travar a pandemia da covid-19, mas chovem notícias diárias sobre doações para os quatro cantos do mundo: máscaras chinesas, ventiladores chineses, testes chineses, fatos chineses, óculos chineses, luvas chinesas e até médicos chineses são enviados para ajudar a combater o novo coronavírus.

As doações são actos de generosidade espontânea ou parte de uma política concertada de Pequim? Dez diplomatas ouvidos pelo PÚBLICO, no activo e reformados, mas todos conhecedores da política e história chinesas, não hesitam: a China quer ser vista como “salvadora do mundo”, um país generoso e altruísta, que ajuda os outros quando eles mais precisam, e nada está a acontecer por acaso.

Em poucas semanas o léxico da geoestratégia ganhou duas expressões novas: “diplomacia das máscaras” e *“viruspolitik”*. Pragmáticos, é à China que todos os países vão comprar equipamentos de combate à covid-19 porque, como disse ao PÚBLICO um assessor político do Governo regional dos Açores envolvido na compra recente de 9,3 milhões de euros de material médico chinês, “a China era a única porta que estava aberta”. O mundo parece estar a sentir pela primeira vez na pele, sublinham os diplomatas ouvidos, que “a China é *mesmo* a fábrica do mundo”.

Ao mesmo tempo que compra milhões de euros de material à China, a Europa discute a urgência de pôr fim à dependência dos produtos *“made in China”*. Muitos parecem antecipar mudanças. “Um dos efeitos desta crise é que, provavelmente, as cadeias de valor vão reaproximar-se dos centros de consumo”, disse esta semana o ministro da Economia português, Pedro Siza Vieira, numa entrevista ao *Jornal de Negócios*, acrescentando que “esse é um efeito que pode beneficiar Portugal”. São múltiplos os sinais desta vontade de “relocalizar as indústrias” e tirá-las da China.

Há dias, Margrethe Vestager, vice-presidente da União Europeia e comissária para a Concorrência, disse que os Estados-membros devem comprar participações das empresas dos seus países para evitar o avanço das rivais chinesas (“é muito importante estar ciente de que há um risco real de que as empresas vulneráveis possam ser objecto de uma aquisição” hostil da China). Em Fevereiro, o ministro das Finanças francês, Bruno Le Maire, disse que o seu governo “faria tudo” para proteger as suas grandes empresas dos efeitos causados pela pandemia – “até nacionalização”; a seguir, o Presidente Emmanuel Macron anunciou uma injecção de quatro mil milhões de euros no orçamento da Saúde para tornar a França “auto-suficiente” na produção de máscaras faciais (“devemos reconstruir a nossa soberania nacional e europeia”), e esta semana houve indicações não oficiais de que o Governo de Berlim vai comprar a companhia aérea alemã Condor.

A tendência não nasceu com a pandemia. Em 2018, num gesto raro, a influente Federação das Indústrias Alemãs (BDI) pediu às empresas da Alemanha para “reavaliarem” a sua presença na China (“apesar da atractividade do mercado chinês, será cada vez mais importante que as empresas examinem atentamente os riscos de seu envolvimento na China e minimizem a sua dependência, diversificando cadeias de fornecedores, locais de produção e mercados de vendas”). E a Comissão Europeia acaba de publicar *Uma Nova Estratégia Industrial para a Europa* – prevista no programa dos primeiros 100 dias da presidente Ursula von der Leyen – cujo objectivo é “reforçar a autonomia estratégica da Europa”. Estes são os planos para o futuro.

Doações para Portugal

Para já, com as populações fechadas em casa e as economias em ponto morto, os países europeus continuam a comprar à China e a receber as suas doações. Só para Portugal houve mais de 20: o município de Shenyang fez uma doação à Câmara Municipal de Braga; a empresária Ming Chu Hsu (da empresa Reformosa – Imobiliário) fez uma doação à Câmara Municipal de Lisboa; a Fósun doou para o Sistema Nacional de Saúde (SNS); a Universidade de Medicina de Cantão para o ISCTE; a Qingdao Bofu Medical School para a Câmara Municipal de Cascais; a State Grid, através da REN, para o Hospital de Santa Maria, Lisboa; a China Three Gorges, com a EDP, para o SNS; a Tencent escolheu o mesmo destinatário; o empresário Zhu Qi também; a empresa CNYT e o empresário Michael Lee doaram para a Câmara Municipal do Porto; tal como o empresário Lin Rui Da; a Zhejiang TV doou à RTP; a empresária Lu, proprietária da Quinta da Marmeleira, doou à Câmara Municipal do Porto e ao SNS; a Shanghai Jiaotong University doou à Universidade de Lisboa; a University of Electronic Science fez o mesmo; o empresário John Zha fez uma doação para Viseu; a Chinese Academy of Social Sciences para a Universidade de Coimbra; a Huwaei para o SNS; a empresária Rachel Siu também; e a embaixada da China em Portugal doou para a Câmara Municipal de São João da Madeira. A lista é parcial, frisa ao PÚBLICO um diplomata que acompanha o dossier,

→

REUTERS

A fábrica do mundo
O Presidente chinês Xi Jinping durante uma visita a um centro de controlo e prevenção do novo coronavírus, em Anhuali, Pequim. O mundo parece estar a sentir na pele pela primeira vez que “a China é mesmo a fábrica do mundo”, sublinham vários diplomatas

mas representa "vários aviões cheios de material e vários milhões de euros de doações".

Segundo a embaixada da China em Portugal, em declarações ao PÚBLICO, as doações que "já chegaram ou estão a chegar a Portugal" incluem 942 mil máscaras cirúrgicas, 255 mil máscaras N95, 603 mil pares de luvas médicas, 120 mil viseiras de protecção, 37.450 fatos de protecção, 13.500 óculos, cinco mil *kits* de teste de ácido nucleico, mais de 100 ventiladores e dez sistemas de vídeo.

"Generosidade espontânea? Quando falamos de chineses, há a generosidade entre as pessoas: se um chinês vê o amigo em dificuldade, faz sacrifícios inimagináveis no Ocidente para o ajudar", diz ao PÚBLICO Pedro Catarino, Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, que foi embaixador de Portugal em Pequim (1997-2002), chefe da parte portuguesa no Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês sobre o futuro de Macau (1989-1992) e cônsul-geral em Hong Kong (1979-1982), tendo hoje como *hobby* enriquecer a sua biblioteca sobre a China. "Mas no contexto actual, esta é uma generosidade calculada, para não dizer interesseira. O interesse da China é sempre criar um ambiente favorável para os seus negócios. Agora e no futuro."

A estratégia política chinesa para a pandemia da covid-19 "é uma questão absolutamente crucial" para o regime do Presidente Xi, sublinha Carlos Gaspar, investigador do IPRI e durante anos conselheiro político no Palácio de Belém. Não só para "contrabalançar o impacto negativo" do início da pandemia – a China começou por esconder a crise e até castigou o médico que fez os primeiros alertas –, mas também para "conter as tendências muito fortes nos Estados Unidos e na Europa de se cortar as amarras às cadeias de produção chinesas".

A 1 Fevereiro, a China produzia 20 milhões de máscaras faciais por dia, metade da produção mundial, e a 1 de Março já produzia 110 milhões por dia, um aumento de 450%. São várias as empresas que mudaram de ramo da noite para o dia: os fabricantes de carros eléctricos BYD, a SAIC-GM-Wuling (*joint venture* com a General Motors), a Foxconn (que montava telemóveis da Apple) e a petrolífera Sinopec (China Petrochemical Corporation), a maior refinaria do país, passaram a produzir máscaras. Um diplomata chama a estas notícias *fait-divers* e sublinha que são casos pontuais. "Não vi uma viragem da indústria", diz. "A China não está sequer a ter capacidade de resposta para todas as encomendas e não creio que esteja a acumular stocks."

Fait-divers ou não, as máscaras são só emblemáticas. A dependência mundial em relação à China abrange muitos outros produtos, da tecnologia à saúde em tempos normais. No livro *Fear: Trump in the White House*, de Bob Woodward, é descrita uma conversa na qual Gary Cohn, então conselheiro do Presidente Donald Trump para os assuntos económicos, defende que os EUA não devem entrar em guerra comercial com a China e um dos argumentos que usa é um estudo do Departamento do Comércio que diz que 97% dos antibióticos consumidos nos EUA vêm da China. "Se fores a China e quiseres mesmo destruir-nos, basta não enviares antibióticos", diz Cohn ao Presidente Trump.

Na mesma linha, 65% dos princípios activos usados em medicamentos na União Europeia são comprados à China e à Índia e, só em França, essa percentagem sobe para 60% a 80%. Ao mesmo tempo, segundo o Council on Foreign Relations, várias empresas indianas lideram o mercado dos princípios activos farmacêuticos, mas também elas dependem da China: três quartos dos princípios activos usados na Índia são importados da China. A razão é simples: são 35% a 40% mais baratos do que os que são feitos na Índia.

> *No contexto actual, esta é uma generosidade calculada, para não dizer interesseira. O interesse da China é sempre criar um ambiente favorável para os seus negócios. Agora e no futuro*
> *Pedro Catarino*

"A deslocalização levou a esta triste realidade: para o consumidor final, os produtos são mais baratos, mas agora constatamos que a China é *mesmo* a fábrica do mundo e não estamos a gostar de perceber isso", diz um diplomata que pediu para não ser identificado. "Até a Suíça, onde estão as sedes dos grandes laboratórios farmacêuticos, tem de comprar reagentes à China."

A seguir à pandemia, antecipam vários diplomatas, o debate da "reindustrialização da Europa" e do "repatriamento da indústria" vai ter de ser feito. A deslocalização das indústrias da China pode ter vantagens, como a redução dos custos de transporte, tempo de distribuição, menos poluição produzida e os custos de armazenamento. "Mas é uma discussão difícil, porque os custos são altos", diz um diplomata. "Há anos que preferimos comprar mais barato em vez de alimentarmos os mercados internos."

Especulação de preços

As máscaras faciais deixaram de ser baratas. Um empresário português que conhece a China há 40 anos contou ao PÚBLICO que máscaras cirúrgicas que, antes da pandemia, custavam 10 cêntimos a unidade estão a ser vendidas por 50 cêntimos. "A especulação não é um valor muito confuciano", diz o embaixador Catarino. "E não revela um pensamento a longo prazo, que é a tradição chinesa: quais são os efeitos daqui a 100 ou 200 anos? Esta era uma oportunidade para a China mostrar a sua magnanimidade, fazer um gesto e não abusar da sua posição no mercado."

Mesmo a palavra "doação" deve ser posta em causa, propõe o empresário. "A China dá, mas não lhe custa nada: o que é doado tem na verdade custo zero, porque os fabricantes que doam estão a vender os mesmos produtos a preços cinco ou dez vezes mais altos." O mesmo empresário não ficaria surpreendido se existissem instruções do Governo de Pequim para as empresas porem de lado 5% ou 10% da produção para ser oferecida como doação ao estrangeiro e reforçar o poder do *soft power* chinês. "Não sei se isso existirá", diz Catarino, "mas não me admirava que houvesse algum tipo de indicação nesse sentido".

O que diz Pequim? "Isso não tem fundamento, porque não é verdade", responde ao PÚBLICO o porta-voz da embaixada da China em Portugal, num português fluente. "Enfrentamos a mesma pressão de materiais médicos por causa da possibilidade de uma segunda vaga da epidemia" e, mesmo assim, "a parte chinesa acelerou a produção dos materiais para satisfazer a procura da comunidade internacional". O aumento dos preços é natural, diz o diplomata chinês, "porque há um aumento de procura". De qualquer modo, "na circulação dos produtos relacionados com o combate à pandemia, a parte chinesa é apenas um elo na cadeia global de produção e abastecimento". A China "espera que o preço dos produtos relevantes possa ser controlado", mas "a decisão do preço não compete só à parte chinesa". O diplomata dá a produção de ventiladores como exemplo: "As peças cruciais utilizadas na China para produzir ventiladores vêm da Europa, em particular da Suécia. E os preços dessas peças também aumentaram." Há anos que o mal-estar entre a China e a Suécia é sério e público. Gui Minhai, cidadão sueco nascido na China, foi um dos cinco editores e livreiros de Hong Kong que desapareceram em 2015 depois de terem publicado livros críticos do regime chinês. Quando, em Novembro, a associação de escritores PEN Suécia anunciou que ia atribuir-lhe o Prémio Tucholsky, para escritores e editores no exílio ou que vivem sob ameaça, a China disse publicamente que o país iria "sofrer consequências".

A especulação dos preços não perturba todos por igual. "Apesar de ser um pouco macabro que ganhem à custa de uma epidemia que surgiu na própria China", diz um diplomata português reformado, "isso é o que

➔

REUTERS

SUSANA VERA/REUTERS

NUNO FERREIRA SANTOS

me incomoda menos". É aliás apenas um dos problemas da operação. Há relatos de que os médicos chineses enviados para Itália causaram choque por terem criticado de forma rude os métodos de trabalho italianos; há denúncias de má qualidade de produtos vendidos, como os testes comprados por Espanha, que não funcionam bem ou as máscaras em Itália que foram para o lixo, e há atrasos nas entregas de equipamento comprado e pago à cabeça, como aconteceu com 500 ventiladores comprados por Portugal.

Questão crucial
No topo, fábrica em Nantong, China; em cima, distribuição de máscaras em Madrid. A estratégia para a pandemia "é uma questão crucial" para o Presidente Xi, diz Carlos Gaspar (em cima, à direita)

Além disso, há desafios de outro nível, como o que Macron colocou em cima da mesa ao propor esta semana, antes de se reunir com o G20, uma moratória da dívida dos países africanos para lhes "dar oxigénio" para enfrentar a pandemia da covid-19. "Devemos absolutamente ajudar a África a sair disto. É um dever moral, humano, para África e para nós", disse o Presidente francês numa entrevista à RFI. Remata um diplomata: "Se quiserem ser bonzinhos, têm aqui uma boa oportunidade."

É estratégia de Pequim?

Há quem ache tudo isto mero cinismo e sublinhe que a China faz como os outros: "Todos os países são sensíveis à sua imagem e querem projectar uma ideia benévola. Por isso, os cronistas da História são sempre contratados pelo rei e imperador, já era assim com os imperadores romanos. Não é uma originalidade da China", diz um diplomata veterano. "A China luta permanentemente pela imagem. A pandemia não é um ponto de viragem."

"Um problema com que o Ocidente se depara nos negócios com a China é o facto de não haver uma separação nítida entre as actividades privadas e públicas, as fronteiras não são visíveis, há uma grande interpenetração", explica o embaixador Catarino. "A China tem uma organização muito *sui generis* e não podemos esquecer que é uma sociedade hierarquizada, na qual as ordens vêm de cima e têm de ser obedecidas. Estas doações não serão feitas por ordem directa do Presidente Xi, mas estão seguramente em consonância com a posição oficial."

Quão *sui generis*? O empresário dá um exemplo: "O Código Comercial chinês estipula que todas as empresas com mais de 50 funcionários têm de ter um delegado do Partido Comunista Chinês. No fim, é ele que manda na empresa."

O professor e investigador Carlos Gaspar sublinha que "não há nenhuma estratégia importante do Estado chinês, em domínios internos ou internacionais, sem o selo de aprovação do Presidente Xi. Isso é indispensável. A China é um Estado hierárquico e centralizado numa única pessoa". Isso não significa que Xi tenha dado instruções taxativas sobre doações, mas haverá "indicações gerais do que deve ser feito", diz um alto quadro do Ministério dos Negócios Estrangeiros português. Essas ideias gerais ou até vagas "vão sendo decantadas ao nível administrativo até chegarem aos comités dos bairros", diz outro diplomata, que descreve o processo como "biunívoco" — as ordens saem de cima, vão sendo aplicadas e, perante a sua concretização, são dadas novas ordens de correcção, numa "peculiar desorganização organizada".

"As doações fazem parte de uma campanha internacional para apresentar a China como parte da solução", diz o mesmo diplomata. A doação que chegou nesta sexta-feira a Colombo foi noticiada pela agência de notícias oficial do Governo chinês, a Xinhua, deste modo: "Um novo lote de assistência médica doada pela China chegou ao Aeroporto Internacional de Bandaranaike, uma vez que o Governo da China e o seu povo estão firmemente ao lado do Sri Lanka na batalha contra a pandemia da covid-19." O pacote inclui 20 mil *kits* de testes, 10 mil máscaras N-95, 100 mil máscaras cirúrgicas, 10 fatos, mil óculos e 50 mil luvas, transportadas num voo da Chinese Eastern Airlines. A seguir, a notícia da Xinhua informa que "a embaixada disse que o avião partiu de Xangai sem passageiros, mas cheio de materiais médicos, além de amor e solidariedade da China para o Sri Lanka". E no fim conclui: "O primeiro-ministro Mahinda Rajapaksa, em recente declaração na sua conta no Twitter, agradeceu ao Governo chinês pela assistência continuada na batalha contra o coronavírus e também à Chinese Eastern Airlines por transportar os pacotes de socorro."

Uma pesquisa no *site* da Xinhua revela que, só nas últimas horas, chegaram donativos chineses à Cidade do Cabo, na África do Sul, ao Brunei, à Eslováquia e ao Botswana. Aos Açores chegou também, na sexta-feira, um segundo carregamento com 272 metros cúbicos de material médico vindo da China, mas com uma diferença. "Foi tudo comprado", disse ao PÚBLICO o assessor para as relações externas do Presidente da região autónoma, Vasco Cordeiro. O governo açoriano comprou o material à Ars&Civitas, na China, através da mediação de Charles de Rosen, um consultor de Londres, e fez o investimento (9,3 milhões de euros em material e um milhão nos voos), depois de "ter batido às portas dos fornecedores habituais na Europa" e ter "percebido que só a China é que era capaz de dar resposta". Ficou satisfeito com os preços conseguidos: 12 cêntimos por máscara cirúrgica, três euros por máscara FFP2 e 6,5 euros pelas FFP3.

No início da semana, o PÚBLICO pediu ao Governo português os valores totais (quantidades e custo) das doações da China a Portugal e das compras do Estado português à China de material de combate à pandemia, mas não recebeu os dados. Por escrito, Eurico Brilhante Dias, o secretário de Estado da Internacionalização que está a coordenar as operações das compras e das doações, disse que, "até ao momento, o Ministério dos Negócios Estrangeiros deu apoio a mais de 20 voos, com origens distintas na República Popular da China, fretados pelo Estado ou por operadores privados, sempre que transportem carga que se destine ao SNS. Os cinco voos fretados pelo Estado são aproximadamente de 800 metros cúbicos", mas nesses voos vêm aquisições da China e doações, não apenas doações.

"Desde o início da pandemia que a preocupação de Pequim foi assegurar a liderança interna de Xi, altamente calibrada do ponto de vista da aparição pública", diz outro especialista. "Começou por ser 'o sistema chinês vai falhar', deu-se uma tensão interna e Xi passou por uma prova de fogo. Mas Xi agarrou a situação externa e começou a ressuscitar quando os poderes entram na narrativa típica dos impérios em momentos de crise", diz o diplomata veterano. "Começa por estar na mó de baixo, mas passa para a mó de cima e o rival, os EUA, para a de baixo. A China percebe que controla a situação e diz: 'Nós somos capazes', 'somos nós que salvamos'. É aí que começa a doar e a vender por uma razão simples: tem os materiais e é capaz de os produzir." Para já, o regime abanou, resistiu e parece reforçado, concordam todos os especialistas ouvidos.

China vai sair vitoriosa?

Com o seu "sistema político autoritário", que combina autoritarismo político com inteligência artificial e informática, a China criou um "sistema de informação sanitária", disse há dias Jaime Gama, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, no programa *Conversas à Quinta*, no *Observador*. Aplicou-o à detenção e geolocalização dos infectados e ao controlo da população e, "com toda a sua capacidade (administrativa, de *intelligence* e militar), montou uma operação exemplar" que "primeiro tinha como destinatário o resto da população da China e depois o resto do mundo". O que está em causa, diz Gama, "não é a forma como se enfrenta a pandemia, mas uma tomada de posição a partir da forma como se enfrenta a pandemia para saber, numa nova partilha dos poderes mundiais, quem é que vai ficar o vencedor na corrida para a recuperação económica, para afirmar as capacidades científicas e tecnológicas e para ter o poder para reconfigurar as organizações internacionais, uma corrida que gera simpatizantes e adeptos. Esta pandemia é o palco das lideranças políticas para a sua recolocação no futuro, porque uns sairão vencidos e outros vencedores. Quem vai chegar primeiro aos mercados, quem vai dar cartas na descoberta da vacina, quem vai ter influência para reconfigurar a OMS, a OMT, o FMI, a ONU? Há uma corrida como há em todas as guerras. Não só uma corrida para vencer *aquela* guerra, mas uma corrida de posicionamento para saber quem é o vencedor no pós-guerra".

O empresário apostaria no vencedor de olhos vendados: "A China é fria, calculista e pragmática. Vai tirar proveito desta crise. Não tenho dúvida de que terá sucesso. Não há como nos iludirmos."

breis@publico.pt

Um mundo suspira por máscaras e outro respira dentro delas

Instalou-se um clima de "faroeste" global no mercado das máscaras. Enquanto isso, o mundo enche-se de rostos cobertos – uma imagem natural para os asiáticos, um pesadelo para os ocidentais. Num tempo pandémico em que só o distanciamento social nos pode salvar, o que é que cada um de nós vê na máscara do outro?

Por Alexandra Prado Coelho

Capa da *Vogue Portugal*, edição de Abril 2020: um casal beija-se, cada um deles com uma máscara cirúrgica a tapar-lhe parte da cara. É o beijo possível em tempos de covid-19. O título: *Freedom on hold*. No mês em que Portugal a deveria celebrar, a liberdade está suspensa. E a máscara é o símbolo disso.

Em menos de dois meses de pandemia e isolamento social, as máscaras chegaram à capa das revistas de moda, enchem as páginas dos jornais, os ecrãs das televisões, são omnipresentes, desejadas, procuradas, guardadas, açambarcadas. Quem não as tem sente-se desprotegido perante um vírus que nos ameaça a todos.

O que dizem as máscaras que nos escondem os rostos? São apenas um pedaço de tecido, mais ou menos elaborado. E, no entanto, as máscaras têm um enorme poder simbólico. Tão grande que o súbito protagonismo que ganharam perante a pandemia do novo coronavírus tornou mais evidente um fosso cultural entre o Ocidente e o Oriente – com o primeiro a rejeitar a ideia de taparmos o rosto e o segundo a encará-la, desde há muito, com muito maior naturalidade e até como um sinal de respeito pelos outros.

Certo é que, face à actual ameaça, tanto americanos como europeus começam a utilizar máscaras de uma forma cada vez mais generalizada. Como aconteceu com outras pandemias na História, a imagem de pessoas a andar

MIGUEL MANSO

TOMOHIRO OHSUMI/GETTY IMAGES

pelas ruas com as caras tapadas está, a cada dia que passa, a tornar-se mais habitual.

Conta o *The New York Times* que até há pouco tempo os turistas asiáticos eram as únicas pessoas com máscara nas ruas de Paris. A resistência dos franceses à ideia era enorme e traduzia-se na desconfiança com que olhavam quem as usava.

Mas, depois de hesitações iniciais, o Governo francês — como muitos outros na Europa, entre os quais o português — recomendou às pessoas que usassem máscara quando saíssem de casa, aconselhando-as também a fazerem máscaras caseiras para não esgotarem os stocks das cirúrgicas, necessárias para o pessoal hospitalar e dos serviços mais expostos ao público. Entretanto, em alguns países, a recomendação já se transformou em obrigatoriedade.

Tranquilizar os outros

A diferença de posição entre o Ocidente e o Oriente tem sido interpretada como a materialização de uma cultura mais individualista face a outra mais preocupada com o colectivo. Haveria aqui uma diferença fundamental, explicada ao *The New York Times* pelo antropólogo francês Frédéric Keck, que tem estudado a pandemia: "Há um vírus lá fora, por isso uso máscara para me proteger [pensam os ocidentais], enquanto o pensamento do colectivo nas sociedades asiáticas traduz-se em 'uso máscara para proteger os outros'." E, se todos o fizerem, todos estarão protegidos.

A mesma ideia é confirmada por Yukiko Iida, do Centro de Controlo Ambiental, uma consultora ligada ao ambiente sediada em Tóquio, que explica que no Japão as máscaras tornaram-se de tal forma comuns que fazem com que as pessoas se sintam mais seguras na sociedade: "Quando colocamos uma máscara, estamos a mostrar que seguimos as regras sociais, e isso tranquiliza os outros."

O artigo nota que na Europa foram países como a República Checa e a Eslováquia, ambos culturalmente marcados pelo espírito colectivista do comunismo, dos primeiros a generalizar o uso de máscaras para proteger as pessoas da covid-19 — *pivots* de programas televisivos deram o exemplo, assim como a Presidente Zuzana Caputova, que na tomada de posse do novo Governo usou uma máscara vermelha a combinar com o vestido, mostrando a naturalidade de o fazer.

Exemplo incontornável da rejeição do Ocidente à ideia de tapar o rosto é o Presidente norte-americano. Donald Trump, recorda um texto da *The Atlantic*, disse recentemente: "Queremos o nosso país de volta. Não vamos usar máscaras para sempre."

Uri Friedman, que assina o artigo, faz precisamente a mesma análise sobre a diferença de atitude no Ocidente e no Oriente: "O Presidente parecia estar a dizer que um país com máscaras não podia ser o *nosso* país — que essa visão seria estranha e alarmante e por isso um pesadelo de curta duração. É uma expressão do estigma há muito ligado ao uso das máscaras no mundo ocidental, ao contrário de muitos países asiáticos onde quem é estigmatizado são os que não usam máscaras nas crises de saúde pública."

Há, aparentemente, uma guerra cultural por trás das máscaras. Com a China a exibir ao mundo uma situação já sob controlo ao mesmo tempo que a Administração norte-americana está a ser questionada pela demora na reacção à chegada da pandemia, as máscaras podem transformar-se num símbolo de outras coisas, nomeadamente das dificuldades de o Ocidente se preparar a tempo e de forma coordenada para enfrentar este enorme desafio.

Corrida às máscaras

Nas primeiras semanas da pandemia, foi o pânico. Por entre indicações contraditórias por parte da Organização Mundial de Saúde, iniciou-se o debate sobre a utilidade ou inutilidade do uso das máscaras. Alguns especialistas diziam que, em paralelo com a frequente e metódica lavagem das mãos, a única arma à nossa disposição para travar a doença eram as máscaras. Ao mesmo tempo o mundo apercebia-se de que elas não existiam em quantidade suficiente para todos.

Respeito pelos outros

As máscaras têm um enorme poder simbólico. Tão grande que o súbito protagonismo que ganharam perante a pandemia do novo coronavírus tornou mais evidente um fosso cultural entre o Ocidente e o Oriente — com o primeiro a rejeitar a ideia de taparmos o rosto e o segundo a encará-la, desde há muito, com muito maior naturalidade e até como um sinal de respeito pelos outros

Por entre acusações de "pirataria" e de tácticas do "faroeste", os países tentavam desesperadamente garantir que tinham as quantidades necessárias para suprir as necessidades do pessoal médico e da população. Um dos maiores produtores no mundo é a 3M, que, segundo a *Bloomberg Businessweek*, já tinha aumentado a sua produção para responder ao aumento da procura devido aos fogos na Austrália e à erupção de um vulcão nas Filipinas.

Aos primeiros sinais do aparecimento do novo coronavírus na China, a 3M (que faz também produtos como os Post-its, entre muitos outros) mobilizou funcionários e preparou-se para o embate. Objectivo? Fazer mais de mil milhões de máscaras N95 até ao final do ano. A empresa tinha aprendido alguma coisa com a epidemia de SARS em 2002-2003 e preparara-se já para a eventualidade de uma nova emergência deste tipo.

A Prestige Ameritech, outro gigante norte-americano do fabrico de máscaras, sediado no Texas, aumentou a sua produção de 250 mil por dia para um milhão. Conta um artigo da revista *Wired* que a empresa reactivou máquinas que já estavam fora de serviço, aumentou os horários de trabalho e começou a formar dezenas de novos operários. E mesmo assim, confessaram os responsáveis, estavam a recusar encomendas diárias para 100 milhões ou em alguns casos 200 milhões de máscaras.

Mas, apesar de muitas fábricas de tecidos, de automóveis e outras terem, do dia para a noite, adaptado as suas linhas de produção para dar resposta à procura frenética por estes produtos (para os quais é preciso ter o tipo de tecidos apropriados, caso contrário as máscaras não são eficazes), nas primeiras semanas revelou-se impossível colocá-los no mercado à velocidade desejável. E, assim, o mundo assistiu a cenas dignas de um filme de acção.

Uma delas, contada por responsáveis franceses, terá acontecido no aeroporto de Xangai. Um avião carregado de máscaras produzidas na China e que se destinavam a algumas das regiões francesas mais atingidas pela pandemia preparava-se para levantar voo quando homens descritos como "compradores norte-americanos" apareceram na pista "acenando com maços de dinheiro" e oferecendo o triplo do que estava a ser pago pelos franceses.

Em França, passou a haver escolta policial a todos os carregamentos de máscaras que chegam aos aeroportos e as empresas que fabricam máscaras passaram a funcionar 24 sobre 24 horas, guardadas por forças de segurança. Também a Alemanha acusou os Estados Unidos de "pirataria moderna" por alegadamente terem desviado um carregamento de máscaras destinadas à polícia alemã quando estavam a ser transferidas de um avião para outro na Tailândia.

E a China, um dos maiores fabricantes mundiais de máscaras (metade das máscaras respiratórias do mundo são produzidas em fábricas chinesas) foi, no início da pandemia, acusada de estar acumular equipamento médico para responder às suas necessidades. Quando surgiu o primeiro surto, em Janeiro, em apenas cinco semanas as autoridades chinesas tinham importado dois mil milhões de máscaras, ou seja, "cerca de dois meses e meio da produção global", segundo o *The New York Times*.

Mas, com a situação interna a acalmar, Pequim começou não só a vender, mas também a doar aos países que mais precisavam, numa verdadeira operação de diplomacia das máscaras (ver texto nestas páginas). E aumentou em 12 vezes a sua já elevada capacidade de produção de 10 milhões de máscaras por dia.

No final de Março, o *Times* descrevia um cenário global alucinante com governos, hospitais e empresários, uns mais honestos do que outros, a procurar por todo o mundo equipamento médico. Havia negócios feitos à pressa, "milhões de dólares transferidos para desconhecidos", chamadas urgentes para pilotos de aviões privados, intermediários a tentar enriquecer e, inevitavelmente, fraudes.

Perante isto, claro, os preços dispararam. Máscaras respiratórias mais sofisticadas, do modelo N95 (que filtra 95% das partículas transportadas pelo ar), indicadas para médicos, passaram a valer cinco vezes mais.

Rapidamente, contudo, o mercado mundial reorganizou-se para dar resposta. Muitos governos aconselharam a que as pessoas fizessem as suas em casa, a partir de *t-shirts* velhas ou outros pedaços de tecido. E, a par das máscaras destinadas aos médicos e aos doentes, começaram a surgir outras de todas as formas e feitios, desde as mais artesanais às mais luxuosas.

Entre as mais mediáticas, destacam-se as Airnium (com preços entre os 50 e os 100 euros e cinco camadas de filtro) muito populares entre figuras públicas, actores e *influencers* — a actriz Gwyneth Paltrow deu que falar ao exibir a sua em *posts* no Instagram. A empresa que fabrica estas máscaras, neste mo- ➔

RADOVAN STOKLASA/REUTERS

O exemplo A Presidente da Eslováquia Zuzana Caputova, ao centro, na tomada de posse do novo Governo — a máscara fez parte do protocolo

mento totalmente esgotadas – e que as anuncia, em estilo de distopia futurista, com a frase "acessórios de saúde para a próxima geração" –, foi criada por um sueco que se mudou para a Índia e ficou impressionado com os níveis de poluição do ar.

Vergonha e salvação

Quando os ricos e famosos começam a tornar as máscaras faciais uma moda, a vergonha de as usar em público tende a desaparecer. Christos Lynteris, um médico antropólogo da Universidade de St Andrews, na Escócia, interrogava-se, em declarações à *The Atlantic*, sobre o que provocava esse desconforto: "Ouvi pessoas a dizer 'levei uma máscara para o avião mas tive vergonha de a usar'. De onde vem esta vergonha? É receio que os outros pensem que és um covarde? Ou que pensem que estás doente?"

Terá sido precisamente uma pandemia, a pneumónica (ou gripe espanhola), a partir de 1918, que fez com que se generalizasse na Ásia, sobretudo na China e no Japão, o uso das máscaras cirúrgicas criadas nos finais do século XIX para proteger os médicos durante as operações. Em países assolados pela pandemia, a máscara passava uma mensagem de modernidade e rigor científico. Era uma esperança de salvação. E se na Europa e nos EUA, nessa altura, a prática também era comum, depois disso desapareceu. Nos países asiáticos, contudo, ela manteve-se e alargou-se recentemente quando, em 2002, rebentou a epidemia de SARS (a sigla para o nome em inglês da Síndrome respiratória aguda grave, também causada por um coronavírus, tal como a covid-19), tornando-se um símbolo de civismo e respeito pelos outros.

A portuguesa Regina Carneiro ainda não vivia em Hong Kong na altura da SARS, mas garante que até hoje no território "sempre que se fala no coronavírus as pessoas entram em pânico". Daí que 98% da população use máscara quando anda na rua. "Neste momento, em Hong Kong, toda a gente anda de máscara", conta numa conversa por telefone com o P2. "Por isso aqui a economia praticamente não fechou, excepto nos 15 dias em que se tomaram medidas mais drásticas."

As indicações do governo local são claras, mas mesmo sem elas as pessoas usariam as máscaras, acredita Regina. "Nas lojas e nos cafés, não há ninguém a atender sem máscara, nos supermercados não anda ninguém sem uma, e em muitos destes locais não nos deixam entrar sem nos medirem a temperatura." Nem poderia ser de outra forma, explica: "Se não tiveres máscara, as pessoas vão olhar-te com desdém. Levam muito a mal se os outros não fizerem esse sacrifício."

E, sublinha, não está a falar de máscaras caseiras, de algodão, artesanais. "Aqui é tudo profissional, máscara a sério" – geralmente, e para quem não está doente, o modelo descartável mais básico que existe nas farmácias, mas que, mesmo assim, tem um filtro, o que as torna mais eficazes do que uma simples *t-shirt* adaptada.

Há circunstâncias especiais que ajudam a explicar este nível de cumprimento da medida em Hong Kong. Para além de o trauma causado pela SARS ainda estar presente na memória de quase todos, é preciso não esquecer que a China continental está mesmo ali ao lado e que, no início, entraram no território (com elevada densidade populacional) pessoas vindas de Wuhan, o epicentro da pandemia, algumas delas infectadas. Além disso, lembra ainda Regina, as pessoas já têm o hábito de usar máscara, nomeadamente quando os níveis de poluição sobem e se tornam uma ameaça à saúde.

Daí que quando, em Fevereiro, viajou para Portugal, a portuguesa tenha ficado alarmada com o que viu. "Cheguei ao mesmo tempo que um voo que vinha de Milão, já com pessoas infectadas, e fiquei horrorizada quando as vi saírem do avião e começarem a tirar as máscaras e a cumprimentar outras pessoas." Quando chegou a casa, avisou o pai que tinha de usar máscara sempre que saísse. "No dia seguinte ele foi ao café de máscara e todos fugiram dele", recorda.

Mas a percepção parece estar a alterar-se gradualmente – e os sinais começaram a surgir mesmo antes de a pandemia ser declarada. Se, há uns anos, Michael Jackson era considerado um excêntrico por aparecer em público com uma máscara a tapar-lhe a cara, alegadamente por receio de apanhar doenças, em Janeiro, na gala dos Grammys, a cantora Billie Eilish fez sucesso ao usar uma máscara Gucci, de um tecido negro e leve, com o emblema da marca em brilhantes.

A opção de Billie Eilish foi entendida como uma mensagem que dizia "o meu corpo não é propriedade pública" – no fundo, não muito diferente do que dizem muitas das mulheres muçulmanas que reivindicam o direito a usar o véu islâmico que lhes cobre o rosto.

Os inúmeros debates sobre o véu que têm acontecido em vários países ocidentais são relevadores desse desconforto cultural em relação ao cobrir do rosto – algo que supostamente é feito apenas por quem tem alguma coisa a esconder, sejam ladrões, terroristas ou revolucionários que não querem ser identificados pela polícia (como aconteceu recentemente nas manifestações em Hong Kong, com uma estetização das máscaras faciais, que se tornaram símbolo de revolta contra o sistema, o Governo e a China). E que, no caso das muçulmanas, é entendido pelo Ocidente como um símbolo da opressão da mulher.

O que é curioso, nota a socióloga Filomena Silvano em conversa com o P2, é o facto de haver "uma contradição" na forma como o Ocidente olha para estas questões. Por um lado, não tapar a cara (aqui entendido no sentido de não ser obrigado a tapá-la) é visto como um princípio de liberdade individual. Por outro, "considera-se que é também uma questão de responsabilidade cívica que ninguém possa esconder a sua identidade".

É este argumento da responsabilidade cívica que é usado contra as muçulmanas que dizem ser por vontade própria que usam o véu. Assim, se no Oriente é a preocupação com o colectivo que leva as pessoas a usar uma máscara em tempo de pandemia, curiosamente, quando no Ocidente se proíbe o esconder da cara, "isso é também um princípio de controlo colectivo sobre o indivíduo", diz Filomena Silvano. Impõe-se que o rosto fique a descoberto, mesmo que essa não seja a vontade do indivíduo.

A socióloga lembra que a "construção da identidade a partir da cara" é "um princípio praticamente universal". Cabe depois a cada sociedade definir, em cada momento histórico, quais as situações em que essa "identidade individual tem de ser expressa pela cara" – ou seja, se neste momento as razões de protecção da saúde pública se sobrepuserem a outras, as máscaras passarão a ser aceites como "eficazes" em países que até agora as viam como uma ameaça.

As questões da segurança e da protecção são aqui centrais. Quando as muçulmanas argumentam que se sentem mais protegidas com o véu, "têm todo o direito de o fazer", mas, "ao assumirem que se trata de uma protecção em relação aos homens, estão a naturalizar a potencial agressividade masculina, a aceitá-la como um dado".

Uma barreira

A máscara "cria uma barreira entre nós e o mundo", diz a *designer* francesa Marine Serre, que desenhou uma das máscaras agora comercializadas pela Airinum. "Protege-nos, mas também significa que não nos podemos aproximar de ninguém." Precisamente a mensagem que os governos de todos os países atingidos pela pandemia estão a tentar fazer passar: mantenham-se distantes uns dos outros, cada ser humano pode transportar a morte do outro. Só a distância nos pode salvar.

No *The New York Times*, Vanessa Friedman descreve como nestes primeiros e assustadores meses de 2020 "a máscara tornou-se o avatar do vírus; representa o nosso medo iminente, o desejo de nos escondermos, a incapacidade de nos protegermos e o desejo de fazer alguma coisa – qualquer coisa – para parecer que estamos a agir". E assim, ao esconderem-nos os rostos, as máscaras dizem mais sobre nós do que desejaríamos que os outros soubessem.

apc@publico.pt

Agora, "todo o gato-sapato tenta entrar no negócio" das máscaras

Num momento de escalada de procura a nível internacional, Portugal vira-se para a produção nacional. O regresso ao dia-a-dia vai ser acompanhado por milhões de máscaras e a indústria têxtil prepara-se para massificar a produção de uma peça que promete entrar na paisagem do quotidiano

Por Camilo Soldado

Se o mercado das máscaras fosse um gráfico, era provável que estivéssemos no início de uma curva exponencial. Quando acontecer, o regresso à rua vai ser feito de cara tapada e as recomendações de generalização de utilização pela Direcção-Geral de Saúde (DGS) devem ajudar massificar o uso.

Na sessão em que o Parlamento prolongou o estado de emergência, António Costa apontou as máscaras sociais como um dos principais elementos para que o país comece a pensar em deixar o confinamento. "Reanimar a economia sem deixar descontrolar a pandemia" é o objectivo mas, para isso, será preciso "aprender a conviver" com um vírus para o qual não há vacina — nem deverá haver tão cedo. A corrida global ao material de protecção individual levou a situações de escassez e de aumento generalizado de preços. O que significa que, para reabrir o país, será preciso massificar o fabrico de um produto que era maioritariamente importado.

O país tem capacidade para isso? O director-geral do Citeve (Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal), António Braz Costa, acredita que sim. Numa primeira fase, perante a insuficiência de matéria-prima, o centro de investigação da indústria têxtil começou a procurar alternativas que poderiam ser utilizadas na produção de equipamento de protecção individual (EPI), este mais virado para consumo hospitalar. Depois passou à investigação para ajudar "à tipificação da máscara ideal de utilização comunitária", num trabalho que começou a ser desenvolvido em meados de Março, numa altura em que ainda não era clara a orientação do Governo. Ou melhor, a indicação era para não generalizar o uso, num discurso que foi recentemente invertido.

A 22 de Março, a directora-geral da Saúde, Graça Freitas, dizia: "Usar máscara não vale a pena." E acrescentava: "O distanciamento social é mais importante." A mesma responsável dizia ainda que o uso levava a uma "falsa sensação de segurança". Já nesta semana, a 13 de Abril, a própria DGS revertia o sentido: lançava novas indicações e aconselhava o uso de máscaras em espaços interiores fechados com várias pessoas. Esta deve ser vista como uma medida de protecção adicional ao distanciamento social, à higiene das mãos e à etiqueta respiratória, acrescenta a DGS.

O presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH), Alexandre Lourenço, entende que, "por medida de precaução, a utilização de máscaras poderia ter sido generalizada". Apesar disso, "não faria sentido que toda a população as utilizasse, quando não havia máscaras suficientes para a faixa de maior risco" — os profissionais de saúde e grupos vulneráveis. No entanto, "a comunicação podia ter sido mais transparente".

Somando a indicação da DGS ao discurso do primeiro-ministro, não é difícil de prever uma nova vaga na corrida às máscaras num negócio que, até agora, é contado através de notícias de escassez, especulação de preços e anúncios de reforço de material em hospitais e centros de saúde. Mas também de voluntarismo da população e de generosidade de privados.

Novo normal

"As empresas viram nisto uma de oportunidade de passar o 'vale da morte'", diz Braz da Costa. Ou seja, produzir alguma coisa num tempo em que as vendas ao público de outros materiais ficaram congeladas. O Citeve já foi contactado por perto de 250 empresas do sector têxtil, "a pedir ajuda para avançar com a produção". Algumas delas, explica, têm uma enorme capacidade de produção. E de que números estamos a falar? "Uma empresa grande pode produzir um milhão numa semana; há muitas que podem produzir 500 mil e há empresas mais pequenas que podem chegar a 100 mil por semana." Ou seja, "a capacidade potencial é gigantesca. A capacidade que se vai instalar depende da necessidade".

Sabe-se que a procura será grande, mas ainda se desconhece a dimensão. O sector prepara-se, tendo acelerado o processo a partir do anúncio das especificações técnicas pelo Infarmed. "Tal como as coisas estão a correr, no final do mês, teremos muitos milhões de máscaras no mercado. Esse era o desafio, porque sabemos que qualquer diminuição da intensidade das medidas de confinamento vai ser acompanhado por exigência da utilização de máscaras", antevê Braz da Costa.

Haverá essencialmente três canais: compras públicas (o Ministério da Educação já se comprometeu em fornecer gratuitamente máscaras aos alunos, por exemplo), grande distribuição (super e hipermercados) e empresas, que vão precisar deste material para que os trabalhadores retomem a actividade. Ao P2, fonte oficial do Ministério da Educação refere que é prematuro avançar com números, numa altura em que ainda estão por definir a data e os termos do regresso de alunos do 11.º e 12.º às salas de aula. Mas não é expectável que o negócio das máscaras se fique pelo curto prazo. "Não é uma questão apenas de resolver o problema da covid-19, mas é uma questão de mercado das próprias empresas", diz o director do Citeve. "Já tivemos o contacto de uma grande marca de venda a retalho, de *fast-fashion*, que pediu ajuda para integrar máscaras nas suas colecções", revela Braz dos Santos. Também já tiveram pedidos semelhantes de marcas de luxo. É um sinal dos tempos e indicador do que aí vem, numa indústria que "não será igual ao que foi". Vai mudar, como vai mudar o comportamento social das pessoas, prevê o mesmo responsável. E isso leva a que "este conceito de mistura de protecção individual com a moda vá entrar nas cadeias, nos desfiles e as grandes marcas terão as suas soluções." O sector está "extremamente interessado" nessa vertente, pela oportunidade de negócio que se abre.

Quanto vale o negócio?

É difícil de dizer. Pelo menos para já, quando há ainda muitas incertezas e a produção em massa está a começar. Estando longe de compor um retrato completo, uma ideia de contexto pode ser dada pelos contratos de entidades públicas disponíveis na plataforma base.gov. Procurando por "máscaras", a soma dos contratos que incluem este termo (e excluindo máscaras especializadas) ultrapassa os sete milhões de euros nos primeiros quatro meses de 2020. Grande parte das máscaras são cirúrgicas ou do tipo FFP2. Utilizando os mesmos critérios e olhando para o intervalo de Janeiro a Abril de 2019, o valor é pouco superior e meio milhão de euros. Ou seja, só no sector público, a cifra é multiplicada por 14. É também preciso explicar que estes valores são apenas indicativos: alguns destes contratos são relativos apenas a máscaras, mas há outros que incluem outro equipamento de protecção individual. Por outro lado, há também contratos cuja descrição refere a aquisição de material de protecção individual, sem especificar. De um ano para o outro, não engordaram apenas os milhões. Cresceu também a lista de entidades públicas a adquirir este tipo de produtos. Se em 2019 os compradores eram essencialmente hospitais, institutos de oncologia e misericórdias, em 2020, juntaram-se à corrida municípios — com Lisboa e Cascais à cabeça — Protecção Civil, comunidades intermunicipais, empresas de águas, GNR, entre outros.

E se há mais gente a comprar e em maiores quantidades, há também mais gente a vender. E não apenas empresas ligadas ao sector da saúde, como a Enerre, empresa de brindes que forneceu as câmaras de Lisboa e Cascais, ou do Grupo 8, a quem o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) comprou 74 mil euros em máscaras.

O presidente da APAH, que é também administrador no CHUC, explica que os hospitais foram forçados a produzir o próprio material de protecção, mas também a procurá-lo onde existe, desde que este cumpra os requisitos. "Os hospitais tiveram de consultar o mercado, ver intermediários e houve contactos de empresas que, apesar de este não estar no seu *core business*, estão a comercializar o material", diz Alexandre Lourenço.

"Como acontece sempre que há uma grande escassez de um determinado artigo no mercado, e como consta que isto pode dar grandes lucros, vem todo o gato-sapato tentar entrar no negócio." Esta análise é feita ao P2 por uma fonte ligada a uma empresa de material ortopédico que preferiu não ser identificada. Essa empresa fez agora uma incursão pelo negócio de máscaras cirúrgicas e FFP2. "No meu caso, fui contactado por um fornecedor chinês com quem já trabalhava há algum tempo", conta. Mandou vir 20 mil unidades. Estão a sair bem? "Com certeza." Mas não vai fazer mais nenhuma encomenda tão cedo. E explica: "Com esta onda de preços, com o custo do transporte e custos aduaneiros, tornou-se incomportável. Os preços são disparatados. Já fui contactado por um produtor nacional para me vender a nove euros a unidade, quase o triplo do que eu estou a vender ao público. Ainda teria de acrescentar a minha margem (cerca de 30%). Não vou comprar rigorosamente nada a esse preço."

É também neste ambiente que os hospitais têm de encontrar EPI, nomeadamente máscaras, no mercado. "Já foi pior, mas mantém-se algumas dificuldades" na aquisição, confirma o representante dos administradores hospitalares. Alexandre Lourenço defende que estas compras deveriam ser feitas de forma centralizada, até porque a concorrência, ainda que involuntária, entre hospitais, leva a um efeito perverso: "O aumento de preços."

Já na última sexta-feira, o Governo impôs um limite máximo de 15% de lucro na comercialização de dispositivos médicos e equipamentos de protecção. Isto depois de um mês em que a ASAE recebeu perto de 4500 denúncias, grande parte relacionadas com especulação de produtos como máscaras, álcool e álcool-gel.

Sobre as encomendas à China, onde são produzidas as maiores quantidades deste material, esta fonte ligada a uma empresa de ortopedia aconselha cautela. "É preciso não esquecer que o que é comprado à China agora é pago de forma adiantada e quem entrar no mercado neste momento e não conhecer o fornecedor arrisca-se a ter um desgosto, nomeadamente com o desvio das mercadorias. Imagine que eu tinha pago, chegava lá um americano e levava a produção toda e a mercadoria ou chegava daqui a três meses ou não chegava? Hoje, é preciso muito cuidado com este tipo de negócios."

Resposta à procura
À esquerda, máscaras da Raclac, empresa de Famalicão; à direita, Grupo Fardias, Madeira, durante o processo de fabrico de máscaras

PAULO PIMENTA

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Paolo Giordano
“Não quero perder aquilo que a epidemia nos está a revelar sobre nós mesmos”

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

Pré-publicação Assim que viu a pandemia a alastrar à sua volta, Paolo Giordano, autor do *best-seller A Solidão dos Números Primos*, decidiu que passaria os seus dias de recolhimento a escrever. O resultado está no livro *Frente ao Contágio*, que será distribuído amanhã com o PÚBLICO

Por Paolo Giordano

Manter os pés assentes na terra

A epidemia do coronavírus é candidata ao título de emergência sanitária mais importante da nossa época. Não a primeira, não a última e talvez nem sequer a mais horrível. É provável que, quando terminar, não tenha produzido mais vítimas do que muitas outras, mas três meses passados sobre o seu aparecimento obteve já um primeiro lugar: o SARS-CoV-2 é o primeiro novo vírus a manifestar-se tão velozmente à escala global. Outros muito semelhantes, como o seu predecessor SARS-CoV, foram rapidamente vencidos. Outros ainda, como o VIH, avançaram a coberto da sombra durante anos. O SARS-CoV-2 foi mais audaz. E o seu desplante revela qualquer coisa que já antes sabíamos, mas tínhamos dificuldade em medir: a multiplicidade dos níveis que nos ligam uns aos outros, assim como a complexidade do mundo que habitamos, das suas lógicas sociais, políticas, económicas e também interpessoais e psíquicas.

Estou a escrever num raro dia 29 do mês de Fevereiro, um sábado deste ano bissexto. Os contágios confirmados em todo o mundo já são mais de oitenta e cinco mil, dos quais quase oitenta mil só na China, enquanto o número de mortos se aproxima de três mil. Há pelo menos um mês que esta estranha contabilidade é a música de fundo dos meus dias. Agora mesmo tenho aberto à minha frente o mapa interactivo da Johns Hopkins University. As zonas de difusão são assinaladas por círculos vermelhos que se destacam sobre o fundo cinzento: cores de alarme, que teriam podido ter sido escolhidas com mais acerto. Mas, como é sabido, os vírus são vermelhos, as emergências são vermelhas. A China e o Sudeste asiático desapareceram sob uma grande mancha única, mas todo o mundo está coberto de picadas, e a erupção só pode agravar-se.

A Itália, para surpresa de muitos, viu-se no pódio desta competição ansiogénica. Mas é uma circunstância aleatória. Em poucos dias, até mesmo de um dia para o outro, outros países poderão ficar numa situação pior do que a nossa. Nesta crise, a expressão “em Itália” esbate-se, deixam de existir fronteiras, regiões, bairros. A crise que estamos a atravessar tem um carácter supraidentitário e supracultural. O contágio dá-nos a medida do grau em que o nosso mundo se tornou global, interconectado, inextrincável.

Estou consciente de tudo isto, mas, ao ver o disco vermelho sobre Itália, não posso deixar, como toda a gente, de me sentir impressionado. Os meus compromissos dos próximos dias foram anulados pelas medidas de contenção, outros cancelei-os eu mesmo. Descobri-me no interior de um espaço vazio inesperado. É um presente partilhado por muitos: estamos a atravessar um intervalo de suspensão da quotidianidade, uma interrupção do ritmo, como por vezes, em certas canções, a bateria desaparece e a música parece dilatar-se. Escolas fechadas, poucos aviões no ar, passos solitários ecoando nos corredores dos museus, um silêncio maior do que o normal em toda a parte.

Decidi ocupar este vazio escrevendo. Para não ceder à inquietação, e para procurar

ANTONIO PARRINELLO/REUTERS

Saúde e matemática
"As epidemias, antes ainda de emergências médicas, são emergências matemáticas", diz Paolo Giordano (ao lado)

uma melhor maneira de pensar tudo isto. Por vezes a escrita pode ser um lastro que permite manter os pés assentes na terra. Mas há também outro motivo: não quero perder aquilo que a epidemia nos está a revelar sobre nós mesmos. Ultrapassado o medo, a consciência volátil desvanecer-se-á por completo no mesmo instante – é o que sucede sempre com as doenças.

Quando estas páginas forem lidas, a situação terá mudado. Os números serão diferentes, a epidemia ter-se-á difundido mais, terá chegado a todos os cantos civilizados do mundo, ou terá sido dominada – mas não tem importância. Certas reflexões que o contágio suscita agora continuarão a ser válidas. Porque tudo o que está a acontecer não é um acidente casual nem um flagelo. E não é realmente novo: já aconteceu e tornará a acontecer.

Tardes de *nerd*

Recordo-me de certas tardes, nos dois anos do secundário, passadas a simplificar expressões. Copiar uma sequência muito comprida de símbolos do livro para, depois, passo a passo, a reduzir a um resultado conciso e compreensível: *0, -1/2, a2*. Do lado de fora da janela começava a escurecer e a paisagem cedia o seu lugar ao reflexo do meu rosto iluminado pela lâmpada. Eram tardes de paz. Bolhas de ordem numa idade em que todas as coisas dentro e fora de mim – sobretudo dentro – pareciam a caminho do caos.

Muito antes da escrita, a matemática era o truque de que me servia para refrear a angústia. Acontece-me ainda, de manhã, assim que acordo, improvisar cálculos e sequências numéricas, o que habitualmente é sintoma de que alguma coisa não vai bem. Suponho que tudo isto faça de mim um *nerd*. Aceito-o. E assumo, por assim dizer, o correspondente embaraço. Mas sucede, neste momento, que a matemática não é só um passatempo para *nerds*, mas antes um instrumento indispensável para compreendermos o que está a acontecer e não nos deixarmos dominar pelas impressões.

As epidemias, antes ainda de emergências médicas, são emergências matemáticas. Porque a matemática não é de facto a ciência dos números, é a ciência das relações: descreve as ligações e as trocas entre seres diferentes, procurando esquecer de que são feitos esses seres, tornando os abstractos sob a forma de letras, funções, vectores, pontos e superfícies. O contágio é uma infecção da nossa rede de relações.

A matemática do contágio

Era visível no horizonte como que um adensar-se de nuvens, mas a China fica longe, e já se sabe… Quando o contágio se fez sentir em força entre nós, deixou-nos aturdidos.

Para dissipar a incredulidade, pensei em recorrer à matemática, a partir do modelo SIR, a estrutura transparente de todas as epidemias.

Uma distinção importante: SARS-CoV-2 é o vírus, covid-19 a doença. São nomes difíceis, impessoais, talvez assim escolhidos para limitar o impacto emocional, mas também mais precisos do que o mais popular "coronavírus". Por isso, servir-me-ei deles. Para simplificar, e para evitar confusões com o contágio de 2003, abreviarei daqui em diante SARS-CoV-2 para CoV-2.

O CoV-2 é a forma de vida mais elementar que conhecemos. Para compreendermos como age, temos de nos mergulhar na sua inteligência estúpida, de nos ver como ele nos vê. E de recordar que o CoV-2 não se interessa por quase nada de nós, não se interessa pela nossa idade, nem pelo nosso sexo, nem pela nossa nacionalidade, nem pelas nossas preferências. A humanidade inteira divide-se, para o vírus, em somente três grupos: os Susceptíveis, isto é, todos aqueles que poderia ainda contagiar; os Infectados, isto é, aqueles que já contagiou; e os Recuperados/Removidos, isto é, aqueles que já não pode contagiar.

Segundo o mapa do contágio que pulsa no meu monitor, os Infectados são, neste instante, em todo o mundo, cerca de quarenta mil; os Recuperados/Removidos, entre vítimas e curados, um pouco mais numerosos.

Susceptíveis, Infectados, Recuperados/Removidos: SIR.

Mas o grupo que merece mais atenção é aquele cujo número o mapa do contágio não mostra. Os Susceptíveis ao CoV-2, os seres humanos que o vírus poderia ainda infectar, são pouco menos de sete mil milhões e meio.

R0

Imaginemos que somos sete mil milhões e meio de berlindes. Estamos susceptíveis e parados, quando de súbito um berlinde infectado avança sobre nós a toda a velocidade. Este berlinde infectado é o paciente zero e tem tempo para atingir dois outros berlindes antes de parar. Estes últimos ressaltam e atingem outros dois na cabeça. Uma e outra vez. Uma e outra vez. Uma e outra vez.

O contágio inicia assim como que uma reacção em cadeia. Na primeira fase cresce de um modo a que os matemáticos chamam "exponencial": cada vez mais pessoas são contagiadas cada vez mais rapidamente. A velocidade depende de um número, que é o coração oculto de qualquer epidemia. É indicado pelo símbolo *R0*, que se lê *r-zero*, e cada doença tem o seu. No exemplo dos berlindes, o *R0* era exactamente de dois: cada Infectado contagiava em média dois Susceptíveis. Para a covid 19, o *R0* é de cerca de dois e meio.

Alto ou baixo, é difícil dizer. Nem tem muito sentido. O *R0* do sarampo é mais ou menos de 15, enquanto o da gripe espanhola do século passado foi de cerca de 2,1, o que não a impediu de matar dezenas de milhões de pessoas. O que nos interessa agora é que as coisas só vão de facto bem se o *R0* for inferior a um, se cada Infectado contagiar menos do que uma outra pessoa. Nesse caso, a difusão detém-se por si só, a doença é um fogo de palha. Se, pelo contrário, o *R0* for de mais do que um, ainda que de pouco mais, estará a iniciar-se uma epidemia.

A boa notícia é que o *R0* pode mudar. Em certo sentido, isso depende nós. Se diminuirmos a probabilidade do contágio, se corrigirmos os nossos comportamentos para tornar mais difícil ao vírus passar de uma pessoa para outra, o *R0* diminui e o contágio abranda. É por isso que já não vamos ao cinema. Se tivermos a firmeza de resistir o tempo necessário, o *R0* acabará por descer para baixo do valor crítico de um e a epidemia começará a deter-se. Fazer descer o *R0* é o sentido matemático das nossas renúncias.

Neste louco mundo não linear

À tarde fico à espera do boletim da Protecção Civil. Agora nada mais me interessa. Outras coisas continuam a acontecer no mundo, são factos importantes e as notícias até se referem a eles, mas não lhes presto a mais pequena atenção.

A 24 de Fevereiro, os Infectados comprovados no nosso país eram 231. No dia seguinte, o seu número subiu para 322; passado mais um dia, para 470; nos dias seguintes, para 655, 888, 1128. Hoje, num primeiro dia de Março chuvoso, para 1694. Não era isto que queríamos. E não é sequer o que esperamos. Em termos matemáticos, esperamos sempre uma sucessão linear. É mais forte do que nós.

Para nos servirmos de números mais manejáveis, suponhamos que ontem os casos de contágio foram dez e hoje vinte. O nosso instinto sugere-nos que amanhã a Protecção Civil comunicará trinta casos de contágio. A seguir, mais dez; depois, mais dez ainda. Quando alguma coisa cresce, tendemos a pensar que o seu crescimento será igual de dia para dia. Em termos matemáticos, esperamos sempre uma progressão linear. É mais forte do que nós.

Mas o aumento do número de casos é, pelo contrário, cada vez maior. Parece fora de controlo. Aqui, eu poderia acrescentar: trata-se de mais um modo que o vírus descobriu para nos fintar, mas seria uma concessão excessiva à sua inteligência limitada. Na realidade, é a própria natureza que não se estrutura de maneira linear. A natureza prefere os crescimentos vertiginosos ou decididamente mais mórbidos, os expoentes e os logaritmos. A natureza é por natureza não linear.

As epidemias não são excepção. Mas um comportamento que não surpreende os cientistas pode deixar aterrados todos os outros. O aumento do número de casos torna-se assim "uma explosão" e, nos títulos dos jornais, anuncia-se como "preocupante", "dramático", quando foi apenas previsível. É esta distorção *daquilo que é normal* que gera medo. Os casos de covid 19 não estão a aumentar de modo constante em Itália nem noutros lugares; nesta fase, aumentam muito mais rapidamente, e isso nada, absolutamente nada, tem de misterioso.

Escritor

O Instituto de Ciências Sociais (ICS) é uma escola da Universidade de Lisboa e um Laboratório Associado do Sistema Científico Nacional dedicado à investigação, aos estudos pós-graduados e à divulgação de ciência nas áreas de Antropologia, Ciência Política, Economia, Geografia, História, Psicologia Social e Sociologia (www.ics.ulisboa.pt). Durante um ano, todos os domingos, investigadoras e investigadores com diferentes formações, idades e percursos académicos partilham o seu trabalho com os leitores do P2.

Ciências Sociais em Público (III) Comentário Quando se assinalam 45 anos da eleição para a Assembleia Constituinte, recorda-se o momento em que os portugueses votaram pela primeira vez em eleições democráticas, livres e justas. Com uma participação de 91,7%, foi a eleição mais concorrida da democracia portuguesa

Por Joana Rebelo Morais

1975 A eleição de todos os portugueses

Um ano depois de o vermelho dos cravos se ter tornado símbolo de liberdade, os portugueses rumaram às urnas para, pela primeira vez, exercer um direito cuja força não conheciam na sua plenitude: o direito ao voto. A 25 de abril de 1975, a participação foi esmagadora: 91,7% dos 6,2 milhões de eleitores recenseados elegeram os deputados que prepararam e aprovaram a nova Constituição. Fica para a história como o valor mais elevado de participação em eleições democráticas em Portugal, muito longe do contexto atual de abstenção crescente.

A realização de eleições foi uma das prioridades estabelecidas pelo Movimento das Forças Armadas (MFA). A marcação da eleição para a Assembleia Constituinte no prazo máximo de 12 meses – por sufrágio universal, directo e secreto – estava consagrada no conjunto de medidas de aplicação imediata do programa divulgado pelos militares na madrugada de 26 de abril de 1974.

Recorda-se aqui a história da eleição fundadora da democracia portuguesa, do seu planeamento nos gabinetes e nas ruas, com os principais atores a forçar um rompimento claro com um passado de instrumentalização e manipulação dos atos eleitorais. Uma eleição cujos alicerces perduram até hoje, inalterados, sempre que os portugueses vão às urnas eleger os seus representantes.

As regras do jogo democrático

Breves dias após a tomada de posse, a 15 de maio de 1974, o I Governo Provisório deu os primeiros passos para honrar o compromisso da realização de eleições livres e nomeou uma comissão para preparar uma proposta de lei eleitoral. A cargo desta comissão ficaram decisões fundamentais relativas à capacidade eleitoral, ao sistema eleitoral e ao recenseamento. Integraram a comissão sete juristas ligados às principais forças políticas, num esforço para assegurar o pluralismo: José Magalhães Godinho, do Partido Socialista (PS); Jorge Miranda, do Partido Popular Democrático (PPD); António Barbosa de Melo (PPD); Lino Lima, do Partido Comunista Português (PCP); José Manuel Galvão Teles, do Movimento de Esquerda Socialista (MES); Ângelo de Almeida Ribeiro, próximo do PS; Manuel João da Palma Carlos, próximo do Movimento Democrático Português (MDP). O trabalho da comissão era essencialmente técnico e nem partidos nem militares foram ouvidos nesta fase. A 12 de agosto, a proposta de lei eleitoral foi entregue ao II Governo Provisório. A discussão alternou entre o Conselho de Ministros e o Conselho de Estado, que finalmente a aprovou, em novembro de 1974, cumprindo o prazo de seis meses imposto pela lei constitucional.

Quando as eleições estiveram em risco

O período que antecedeu a realização das primeiras eleições ficou marcado por uma forte agitação política. Entre abril de 1974 e abril de 1975 tomaram posse quatro governos provisórios, várias vezes reorganizados, e dois presidentes da República. Houve várias entradas e saídas do Conselho de Estado, que não sobreviveu até à data da eleição. Esta agitação não só marcou o período de discussão da lei eleitoral, como colocou em risco a realização das próprias eleições.

O primeiro momento de risco ficou conhecido como “a crise Palma Carlos”. Em julho de 1974, o então primeiro-ministro, Adelino da Palma Carlos, o Presidente da República, general António de Spínola, e parte do Governo apresentaram um projecto de lei para a realização de eleições presidenciais em outubro de 1974 e, na mesma data, um referendo a uma Constituição provisória. A proposta empurrava as eleições para a Assembleia Constituinte para finais de 1976, desrespeitando o prazo de 12 meses estipulado pelo MFA. Militares, partidos de esquerda e alguns membros do governo e do Conselho de Estado rejeitaram o projecto de lei, que acabou por cair.

As eleições foram marcadas para 12 de abril, mas as tensões geradas pela tentativa de golpe de 11 de março levaram a que fossem adiadas para o dia 25 de abril, data de acrescido valor simbólico. A 11 de março, o ex-presidente Spínola e seus apoiantes desencadearam uma operação militar que visava reconduzir o general à presidência e afastar os actores políticos de esquerda do controlo do processo revolucionário. O golpe fracassado teve importantes consequências

GIORGIO PIREDDA/GETTY IMAGES

políticas: a Junta de Salvação Nacional e o Conselho de Estado foram extintos e substituídos pelo Conselho da Revolução, que institucionalizou o MFA. O malogrado golpe coincidiu com o momento em que algumas fações de militares e partidos de extrema-esquerda questionaram abertamente a realização das eleições. A suspensão do ato eleitoral chegou a ser debatida na célebre "assembleia selvagem" do MFA, mas foi rejeitada pela maioria. Outra questão levantada tanto por militares como por partidos de esquerda foi o apelo ao voto em branco, dirigido a eleitores potencialmente inseguros.

Aprender a funcionar em democracia

Cedo se tornou claro que, para a realização de um ato eleitoral verdadeiramente livre, seria necessário começar do zero: a organização, estrutura e metodologia herdadas do Estado Novo, arcaicas e insuficientes, não serviam o propósito destas eleições. Foram postos em curso todos os procedimentos necessários. Criaram-se os organismos fundamentais à condução do processo eleitoral, como o Secretariado Técnico para os Assuntos Políticos (STAP) e, mais tarde, a Comissão Nacional de Eleições (CNE). Mas o grande desafio foi fazer o primeiro recenseamento em democracia.

Os cadernos eleitorais herdados do Estado Novo não mereciam qualquer confiança: nas últimas eleições realizadas em ditadura, em 1973, havia apenas 1,8 milhões de votantes inscritos. A expectativa era que o novo levantamento chegasse aos 5,5 milhões. Mas o tempo para planear e executar o recenseamento mais inclusivo da história portuguesa escasseava. No preâmbulo na lei eleitoral foi lançado o apelo: a elaboração do recenseamento em tão curto prazo só seria viável se se transformasse, sob o impulso dos partidos, "numa jornada cívica à escala nacional". Teve início a 9 de dezembro de 1974 e terminou a 8 de janeiro de 1975, dias depois do previsto. No fim deste período registavam-se, acima das expectativas, mais de 6,2 milhões de eleitores. Cidadãos, partidos e serviços estatais participaram activamente neste processo.

Os protagonistas da eleição

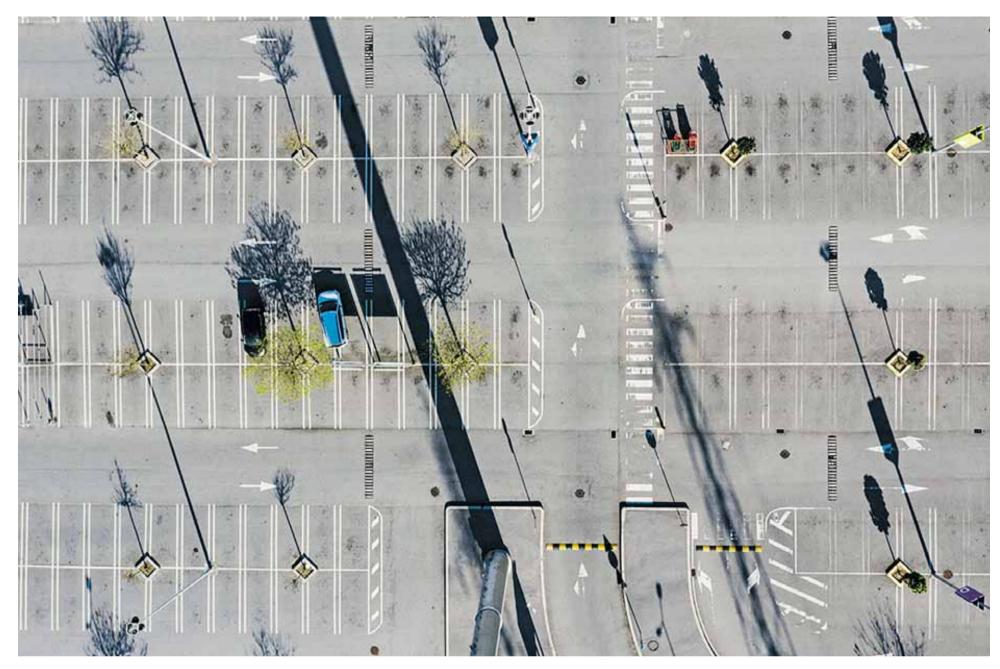
Concorreram à Assembleia Constituinte 14 partidos, mas nenhum conseguiu apresentar listas em todos os círculos eleitorais, em parte devido à fraca implantação territorial das forças políticas. O PCP, fundado em 1921, era o único a dispor de estrutura organizativa e ideológica, mas nunca tinha ido a votos. O ambiente era de incerteza, partilhada por partidos e eleitorado, relativamente ao peso eleitoral das forças políticas. A lei eleitoral permitiu, contudo, que os partidos se afirmassem e assumissem um papel central na transição. Desde logo pelo facto de apenas os partidos poderem apresentar candidaturas, mas também pela escolha do sistema eleitoral — o princípio da representação proporcional pretendia favorecer o pluralismo e a representatividade das diferentes correntes políticas na composição da assembleia. O sistema de listas fechadas e bloqueadas e a apresentação, no boletim de voto, das designações, siglas e símbolos dos partidos pretendiam facilitar o processo de voto, mas também fortalecer as forças políticas, reforçando a sua visibilidade.

A campanha eleitoral começou a 2 de abril e contou com uma forte mobilização de cidadãos e partidos, com grande adesão aos comícios, manifestações e sessões de esclarecimento, os principais meios de campanha. Havia dois posicionamentos distintos. Mais à esquerda (PCP, MES, MDP e UDP, por exemplo) questionava-se a legitimidade das eleições, consideradas um mero instrumento complementar à Revolução; os mais moderados (PS, PPD e CDS), pelo contrário, apostaram na conquista de votos como reforço da sua legitimidade. Esta dualidade foi também consequência do 11 de Março, que tornou mais difícil a cooperação entre os partidos mais moderados que tinham representação nos governos provisórios, e a extrema-esquerda, que acabou por se unir.

Uma participação histórica

A 25 de abril de 1975, votaram para a Assembleia Constituinte mais de 5,7 milhões de portugueses. Um valor histórico que constituiu uma clara demonstração de apoio da população ao regime democrático que se consolidava. Dos 14 partidos concorrentes, apenas sete obtiveram representação parlamentar. A grande surpresa — numa eleição em que não foram permitidas sondagens durante a campanha — foi o fraco resultado do PCP, que se ficou pelos 12,5% e foi apenas a terceira força mais votada, contra todas as expectativas em torno da sua capacidade de mobilização superior e militância mais consolidada. À frente ficaram o PS, com 37,9%, e o PPD, com 26,4%. Em quarto lugar, o CDS, ausente dos governos provisórios, mas com 7,6% dos votos. Na primeira eleição em que as mulheres votaram sem restrições, foram eleitos 230 homens e 20 mulheres. Os resultados traduziram-se numa assembleia mais moderada, com o triunfo da legitimidade eleitoral sobre a legitimidade revolucionária.

Passados 45 anos, há ainda várias questões por responder sobre as eleições fundadoras da democracia portuguesa. Em breve, algumas terão resposta. A minha tese de doutoramento, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, trata as eleições de 1975 e assenta em três pilares. Primeiro, a escolha do sistema eleitoral. Pouco se sabe sobre as posições dos diferentes atores políticos neste processo e sobre a argumentação que sustentou a escolha das normas que ainda hoje regem as eleições em Portugal. Segundo, os que foram excluídos do ato eleitoral como forma de rompimento com o legado autoritário. Não se conhece o processo de implementação das chamadas "incapacidades cívicas", enquanto medida de saneamento, nem a forma como impactaram, ou não, os partidos políticos. Terceiro, as Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica levadas a cabo pelos militares do MFA junto das populações. O objetivo era levar a todo o país informação cultural e política, estabelecendo um diálogo entre os militares e a população, com especial incidência nas zonas rurais das regiões norte e centro. Os potenciais efeitos destas campanhas nos resultados eleitorais são ainda desconhecidos.

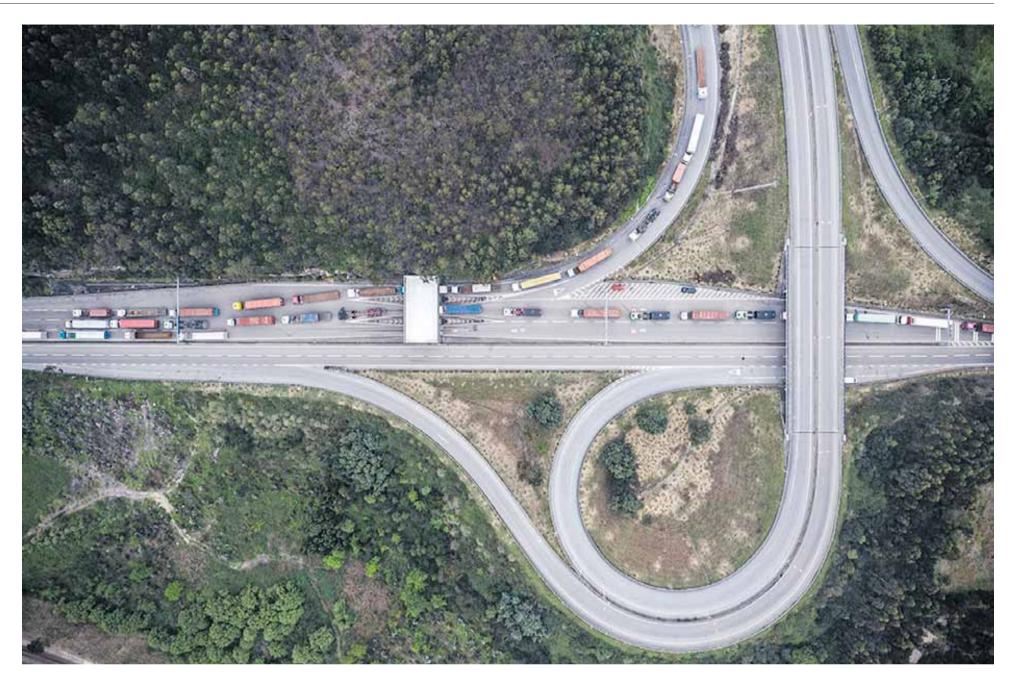
Doutoranda em Política Comparada, ICS-ULisboa

Se todos fôssemos pássaros

Portfólio Aqui só faltamos nós, as nossas pegadas, os nossos corpos. Embora, haja sinais de que o trabalho não parou, a geometria dos espaços permanece

Por Patrícia Carvalho texto
e Nelson Garrido fotografia

Da minha janela, não vejo a mudança da cidade lá fora. Não sinto a angústia das ruas vazias, do silêncio onde antes havia barulho de gente a viver a vida normal. Da minha janela, vejo o pedaço de rua que é só acesso às mesmas casas de sempre. Aqui não passa o trânsito da cidade, só chegam e partem os que cá vivem. E aí não noto diferenças em relação ao que éramos antes de um estado de emergência no moldar dos dias.

A perspectiva que tenho não é, por isso, a mesma daqueles que sentem na pele o silêncio dos carros que já não passam, das lojas que não abrem portas, das pessoas que já não calcorreiam as ruas a caminho de algum lugar. Daqui, tudo parece normal. Mas não está, claro. Nada está normal. O sentimento de ausência de liberdade que se entranhou na pele, porque nos dizem para não sairmos (e não saímos), porque não podemos tocar, apertar, consolar, beijar, abraçar, "amassar", arrancar o fôlego a quem queríamos (e não o fazemos), diz-nos todos os dias que nada, por enquanto, é normal.

Por causa disso, por estes dias, só os pássaros me parecem livres. Ninguém lhes decretou um qualquer confinamento e nenhum pedaço dos céus que atravessam ou das árvores em que pousam lhes foi vedado. E quando olho estas imagens, que são o mais próximo que podemos ter do que é a visão de um pássaro, pergunto-me se o mundo para eles parecerá

O (quase) vazio
Em cima, à direita, parque de estacioamento do Mar Shopping, em Matosinhos; à direita, entrada de camiões no Porto de Leixões. Ao lado, praia de Matosinhos; em cima, Complexo Desportivo de Monte Aventino, no Porto

assim tão anormal. Se a nossa ausência na paisagem fará assim tanta falta. Aqui só faltamos nós. A geometria dos espaços continua igual. Faltam os nossos corpos nos campos de golfe, faltam os carros que conduzimos nas estradas. E nem sempre, como se vê. Há locais onde o trabalho não parou nem se fechou em casa, porque não pode, e as filas de camiões que também aqui estão são o sinal de que nem tudo mudou, de que esta espécie de suspensão de velhos hábitos que vivemos há-de acabar.

Se todos fôssemos pássaros e pudéssemos olhar assim, à distância, lá de cima, o chão, poderíamos estranhar a quietude, mas, no quadro geral, faria assim tanta diferença que as ruas não estivessem cheias? Olharíamos mais para a forma da estrada ou para o facto de não haver gente e viaturas a ocupar passeios e asfalto? As formas dos veículos que se amontoam, à espera, sem ter para onde ir, seriam substituídas por quê? E aquele areal vazio, quão estranhos nos pareceria, comparado com um dia em que o sol pudesse enchê-lo de gente, apetrechada de guarda-ventos e guarda-sóis coloridos?

Olho e volto a olhar. E, sim, penso que, se todos nós pudéssemos ser pássaros por umas horas e ver o mundo com esta distância, não ficaríamos certamente apenas presos às linhas e curvas da paisagem construída. Sentiríamos a nossa falta, dos pequenos pontos coloridos que atrapalham a quietude. As cidades não nos pareceriam as mesmas. E as cidades podem ser melhoradas, muito melhoradas, mais verdes, menos agressivas e caóticas, mas não são cidades sem gente. Se todos fôssemos pássaros por um dia, a perspectiva aérea não nos libertaria da angústia que tantos sentem por estarem encerrados atrás de paredes. Só a mostraria de outra perspectiva. E ficaríamos, na mesma, à espera de que esta anormalidade que hoje vivemos passe depressa.

patricia.carvalho@publico.pt

Quarentena Crónica

"Semana cinco"

texto de
Marco Neves Ferreira
desenho de
Nuno Saraiva
cores: Luna Ramos

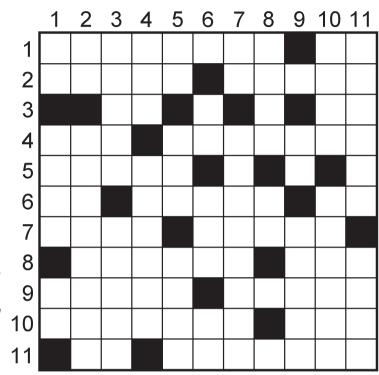
@quarentenacronica

Um dos enfermeiros que ajudou Boris Johnson é português... Estes tugas realmente não aprendem!

Jogos

CRUZADAS 10.952

HORIZONTAIS: 1. Plano (...), a "grande estratégia" americana para a reconstrução da Europa. Símbolo do rad (Física). **2.** Frio intenso (inform.). Sobressalto, choque. **3.** Serra Leoa (código Internet). Abreviatura de Terabyte (Informática). **4.** Programa de Estabilidade e Crescimento (sigla). Capital da região autónoma da Andaluzia, no sul da Espanha. **5.** Inerente. **6.** Alojamento Local. Diligência policial para prender certa casta de indivíduos. Parlamento Europeu. **7.** Ora. (...) Múmia, fotojornalista que saiu de uma tribo isolada na Amazónia para encontrar um mundo inteiro em isolamento. **8.** Espiar. Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. **9.** Mercado oriental. Lado do horizonte onde o Sol desaparece. **10.** Além disso. Um certo. **11.** Combinado. Prosseguira após interrupção.

VERTICAIS: 1. Símbolo do milibar. Queixar-se (gíria). Bário (s.q.). **2.** Atmosfera. Com enlevo. **3.** Elimina. Slavoj (...), autor do livro "Pandemic" (OR Books), cujos direitos de autor serão doados aos Médicos sem Fronteiras. **4.** "O (...) e o sabão", título de uma crónica de Miguel Esteve Cardoso, no Público. Devoram. **5.** Hectolitro (abrev.). Tenho a natureza de. Irritar. **6.** No caso de. Sociedade Portuguesa de Autores (sigla). Internet Explorer. **7.** Símbolo de libra (unidade de massa). Prisão (gíria). **8.** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de largo. Ouro (s.q.). **9.** Decifrei. Ementa. **10.** Isabel (...), protagonista do filme "Os Verdes Anos", de Paulo Rocha. Levar. **11.** Discussão. Assento acolchoado onde o cavaleiro se senta.

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Nacional. AL. **2.** Adem. Aliado. **3.** Privar. **4.** Czar. Rim. SA. **5.** Cinemateca. **6.** Raso. Ant. **7.** Ca. Me. Ido. **8.** Ascoma. Crer. **9.** Drogba. Rn. **10.** Da. As. Ilusa. **11.** Avesso. AM.
VERTICAIS: 1. Na. CC. Cauda. **2.** Aduziras. Av. **3.** CE. Ana. CD. **4.** Impressoras. **5.** Mo. Moss. **6.** Naira. MAG. **7.** Alvitre. Bi. **8.** Liame. Cala. **9.** Ar. Cair. Um. **10.** AD. Sanders. **11.** Loja. Tornar.

SUDOKU

		6		8			1	
				1				
	5			6		4		7
8	9	3	6	7		5	4	
			8		5			
	6	2		9	1	7	3	8
9		1		2			8	
				4				
	8			5		6		

Problema 9678
Dificuldade: Fácil

Solução do problema 9676

5	1	4	7	2	3	8	6	9
9	2	7	4	6	8	5	3	1
8	6	3	5	9	1	4	7	2
7	3	1	9	8	6	2	5	4
4	9	2	1	5	7	6	8	3
6	5	8	3	4	2	1	9	7
1	7	6	8	3	4	9	2	5
3	8	9	2	1	5	7	4	6
2	4	5	6	7	9	3	1	8

Solução do problema 9677

3	8	4	6	7	1	9	5	2
2	5	6	9	3	4	8	1	7
9	7	1	2	8	5	4	6	3
5	3	7	8	4	9	6	2	1
6	1	8	5	2	7	3	9	4
4	9	2	1	6	3	7	8	5
1	4	5	3	9	8	2	7	6
8	6	3	7	1	2	5	4	9
7	2	9	4	5	6	1	3	8

Problema 9679
Dificuldade: Muito difícil

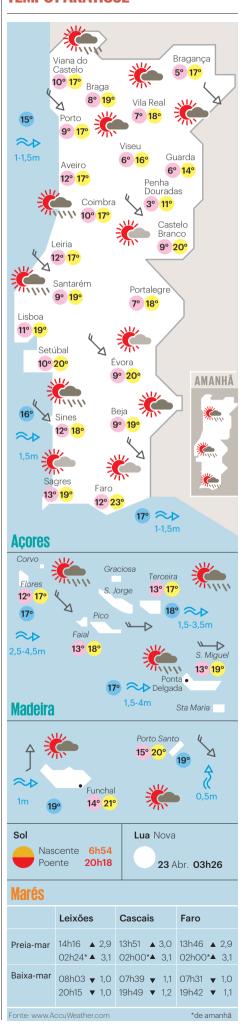
				2				
		9	8			2		
	7				4		5	
		2		9			3	
1			4		3			5
	4			1		9		
	3		6				1	
		7			5	8		
				7				

FARMÁCIAS

Porto - Serviço Permanente
De Campanhã (Campanhã) - Rua da Estação, 100 - Tel. **Campus S. João** - Rua Dr. Plácido da Costa 410, Campus S. João, Lojas.103/104 - Tel. 220994290
Vila Nova de Gaia - Serviço Permanente
Canidelo - Rua José Maria Aves, 303 (Canidelo) - Tel. 227810096 **Paes Moreira** (Canelas) - R. da Rechousa, 623 (Canelas) - Tel. 227110204
Matosinhos - Serviço Permanente
Moderna - R. de Brito Capelo, 808 - Tel. 229398220
Coimbra - Serviço Permanente
S. José - Alameda de Calouste Gulbenkian, Lote 5 R/C (CC Primavera - Celas) - Tel. 239484497 **Moço** - Av. Fernando Namora, nº 252 (Casa Branca) - Tel. 239792231
Braga - Serviço Permanente
Alvim (Sé) - Campo das Hortas, 37 - Tel. 253262682
Outras Localidades - Serviço Permanente
Águeda - Ala **Aguiar da Beira** - Dornelas , Portugal **Albergaria-a-Velha** - Ferreira Janeiro **Alfandega da Fé** - Trigo **Alijó** - de Favaios (Favaios) , Espirito Santo Ldª (Sanfins do Douro), Nova Vilar de Maçada (Vilar de Maçada) **Almeida** - Cunha , Moderna (Vilar Formoso) **Amarante** - Costa **Amares** - Marques Rego (Ferreiros) **Anadia** - Central (Ancas/Paredes do Bairro) **Arcos de Valdevez** - Torres **Arganil** - Moderna **Armamar** - Batista Ramalho , Lúcio **Arouca** - Santo António (Stª Eulália - Arouca) **Aveiro** - Capão Filipe (Esgueira) **Baião** - Queirós Cunha (Campelo) , Rocha Barros (Eiriz) **Barcelos** - Central **Boticas** - S. Cristovão **Bragança** - Margarida Machado **Cabeceiras de Basto** - Moutinho **Caminha** - Beirão Rendeiro , Brito (Vila Praia de Âncora) **Cantanhede** - Cruz **Carrazeda de Ansiães** - Rainha **Carregal do Sal** - Ramos (Cabanas de Viriato) **Castelo de Paiva** - Adriano Moreira , Pinho Lopes (Oliveira do Arda), Marques Lopes (Santa Maria de Sardoura) **Castro Daire** - Gastão Fonseca **Celorico da Beira** - Barreiros **Celorico de Basto** - Alves Dias **Chaves** - Nova da Madalena **Condeixa-a-Nova** - S. Tomé **Espinho** - Paiva **Esposende** - Gomes **Estarreja** - Campos **Fafe** - Fernandes de Castro **Felgueiras** - J. Reis **Figueira da Foz** - Soares **Figueira de Castelo Rodrigo** - Bordalo **Fornos de Algodres** - Central **Freixo de Espada à Cinta** - Guerra **Góis** - Coroa , Santiago, Frota Carvalho (Vila Nova do Ceira) **Gondomar** - Central (Rio Tinto) **Gouveia** - Patrício , Central (Melo - Gouveia), Albuquerque (Moimenta da Serra), Martins (Vila Nova de Tazem) **Guarda** - Paes Fernandes **Guimarães** - Paula Martins (Azurém) **Ílhavo** - Santos **Lamego** - Parente **Lousã** - Torres Padilha (Serpins) **Lousada** - Ribeiro S.A **Macedo de Cavaleiros** - Diogo **Maia** - Portas da Maia (Vermoim) **Mangualde** - Avenida , Beirão (Chãs de Tavares) **Manteigas** - Bráulio Monteiro **Marco de Canavezes** - do Marco **Mealhada** - Miranda, Suc. **Meda** - Pereira **Melgaço** - Durães **Mesão Frio** - Ferreira **Mira** - Pisco **Miranda do Corvo** - Lima Natário , Borges (Semide - Miranda do Corvo) **Miranda do Douro** - Miranda (Mirando do Douro) **Mirandela** - Da Ponte **Mogadouro** - Nova **Moimenta da Beira** - Ferreira , César (Leomil) **Monção** - Codeço Sucr. **Mondim de Basto** - Oliveira **Montalegre** - Canedo **Montemor-o-Velho** - Natário (Verride) **Mortágua** - Abreu **Murça** - Saúde **Murtosa** - Portugal **Nelas** - Da Misericórdia (Santar) **Oliveira de Azemeis** - Santos **Oliveira de Frades** - Oliveirense **Oliveira do Bairro** - Tavares de Castro **Oliveira do Hospital** - Santos (Seixo da Beira) **Ovar** - Lamy **Paços de Ferreira** - Antero Chaves **Pampilhosa da Serra** - do Zêzere (Dornelas do Zêzere) , Central **Paredes** - Ferreira de Vales (Rebordosa) **Paredes de Coura** - Da Calçada **Penacova** - Alves Coimbra **Penafiel** - Oliveira **Penalva do Castelo** - Silveira **Penedono** - Rua **Penela** - Penela **Peso da Régua** - Castro **Pinhel** - Nova de Pinhel , Da Misericórdia (Alverca da Beira), Moderna (Pínzio) **Ponte da Barca** - Saúde **Ponte de Lima** - Dona Teresa **Póvoa de Lanhoso** - Matos Vieira **Póvoa de Varzim** - Faria **Resende** - Avenida **Ribeira de Pena** - De Cerva (Cerva) , Borges de Figueiredo **Sabrosa** - Macedo Morais , Vieira Barata **Sabugal** - Aldeia Velha (Aldeia Velha) , De S. Miguel (Cerdeira do Coa), Higiene (Souto) **Santa Comba Dão** - Carrilho , Sales Mano (S.João de Areias) **Santa Maria da Feira** - Araújo **Santa Marta de Penaguião** - Santa Eulália (Cumieira) , Douro (Santa Marta Penaguião) **Santo Tirso** - Central **São João da Madeira** - Lamar **São João da Pesqueira** - Tavares **São Pedro do Sul** - Dias **Sátão** - Santo André (Lamas) , Andrade **Seia** - Manaia , Popular (Loriga), Paranhense (Paranhos da Beira), Neves Rodrigues (Pinhanços), do Alva (Sandomil), De São Romão (São Romão) **Sernancelhe** - Confiança , Mota (Vila da Ponte) **Sever do Vouga** - Terra (Couto de Esteves) **Soure** - Soure **Tábua** - Quaresma (Mouronho) **Tabuaço** - D'Ouro **Tarouca** - Augusta (Salzedas) , Moderna **Terras de Bouro** - Alvim Barroso (Covas) **Tondela** - Molelos (Pedra da Vista) **Torre de Moncorvo** - Avenida **Trancoso** - Macedo de Crespo , Pereira (Vila Franca das Naves) **Trofa** - Barreto **Vagos** - Tavares **Vale de Cambra** - Matos **Valença** - Central **Valongo** - Central **Valpaços** - Almeida Sousa **Viana do Castelo** - São Domingos **Vieira do Minho** - Freitas **Vila do Conde** - Vital **Vila Flor** - Do Hospital **Vila Nova de Cerveira** - Cerqueira, Suc. , Nova de Cerveira **Vila Nova de Famalicão** - Central **Vila Nova de Foz Côa** - Moderna **Vila Nova de Paiva** - Galénica **Vila Nova de Poiares** - Martins Pedro (S. Miguel de Poiares) , Santo André **Vila Pouca de Aguiar** - Figueiredo **Vila Real** - Galeno **Vila Verde** - Fátima Marques **Vimioso** - Barreira , Ferreira (Argozelo) **Vinhais** - Albuquerque , de Rebordelo (Rebordelo) **Viseu** - Vaz **Vizela** - Campante (Caldas de Vizela) **Vouzela** - da Torre (Alcofra) , Ana Rodrigues Castro (Campia), Teixeira **Cinfães** - Nova de Cinfães **Vagos** - Viva **Vouzela** - Vieira

TEMPO PARA HOJE

	Leixões	Cascais	Faro
Preia-mar	14h16 ▲ 2,9 02h24* ▲ 3,1	13h51 ▲ 3,0 02h00* ▲ 3,1	13h46 ▲ 2,9 02h00* ▲ 3,1
Baixa-mar	08h03 ▼ 1,0 20h15 ▼ 1,0	07h39 ▼ 1,1 19h49 ▼ 1,2	07h31 ▼ 1,0 19h42 ▼ 1,1

Fonte: www.AccuWeather.com *de amanhã

Dia de ficar

CINEMA

Gravidade
AXN, 21h55
Numa importante missão espacial a bordo da nave *Explorer*, a inexperiente Dr.ª Ryan Stone e o veterano Matt Kowalski são surpreendidos com uma explosão que os lança no espaço. No vazio, sem conseguirem contacto com a sua equipa de controlo em Houston, os dois vão lutar pela sobrevivência. Ao mesmo tempo que lidam com traumas que marcaram as suas vidas, procuram reinventar-se num cenário que deixa pouco lugar à esperança. George Clooney e Sandra Bullock dão vida às duas personagens – as únicas ao longo de todo o filme. Com realização do mexicano Alfonso Cuaron e banda sonora de Steven Price, este intenso *thriller* psicológico de ficção científica abriu, fora de competição, a edição de 2013 do Festival de Veneza. E conquistou sete Óscares.

Money Monster
Hollywood, 22h
Lee Gates é a estrela de um programa televisivo sobre investimentos financeiros. Kyle Budwell é um investidor que segue os seus conselhos e acaba por perder todo o dinheiro em acções de uma empresa de tecnologia que, contra todas as expectativas, abre falência. Desesperado, irrompe pelo estúdio e apresenta a sua história, ao mesmo tempo que ameaça fazer explodir o edifício. Durante várias horas e com milhões de pessoas a assistir à emissão em tempo real, Gates e a sua equipa terão de encontrar um modo de se manterem vivos. Com realização de Jodie Foster, um *thriller* com George Clooney, Julia Roberts, Jack O'Connell, Dominic West e Caitriona Balfe.

Jogo da Alta-Roda
RTP1, 23h38
No início dos anos 2000, Molly Bloom gere, entre Los Angeles e Nova Iorque, um importante jogo de póquer com apostas altas, em que participa um grupo altamente exclusivo de celebridades de Hollywood, do mundo do desporto, dos negócios e até da máfia russa. Quase dez anos depois, é apanhada pelo FBI e tenta defender-se. Dirigido por Aaron Sorkin (que escreveu *Uma Questão de Honra*, *A Rede Social* ou a série *Os Homens do Presidente*), na sua estreia como realizador, um *biopic* interpretado por Jessica Chastain, Idris Elba, Kevin Costner e Michael Cera.

Televisão

lazer@publico.pt

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 17

		% Aud.	Share
Nazaré	SIC	16,6	26,9
Jornal da Noite	SIC	15,5	26,0
Terra Brava	SIC	14,2	25,9
Quer O Destino	TVI	11,7	19,2
Primeiro Jornal	SIC	11,2	27,7

FONTE: CAEM

RTP1 11,7%
RTP2 1,5
SIC 19,8
TVI 13,9
Cabo 36,8

RTP 1
6.16 Cuidado com a Língua! **6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.32** Expedição Oceano Azul - Um Novo Caminho para o Futuro **12.05** O Artesão **13.00** Jornal da Tarde **14.37** Chefs de Casa **15.07** Faz Faísca **15.50** A Canção de Lisboa - O Musical **18.14** Jogo de Todos os Jogos **19.59** Telejornal **21.45** I Love Portugal **23.38** Jogo da Alta-Roda **1.56** Web Therapy **2.52** David Attenborough Dentro da Selva **3.43** Televendas

RTP 2
7.00 Euronews **8.00** Espaço Zig Zag **13.09** A Ilha dos Desafios **14.15** Os Daltons **14.32** Chovem Almôndegas **14.54** Folha de Sala **15.00** O Comissário Montalbano **16.51** A Grande Travessia: Viajando pelos Andes de Balão **17.20** Caminhos **17.48** 70x7 **18.16** Chegou a Felicidade **19.09** Saber Sabe Bem: Star Wars com Simon Troufa Real **19.37** Europa Minha **19.57** Corrida Ecológica **20.21** Cuidado com a Língua! **20.37** A Estagiária **21.30** Jornal 2 **22.04** Folha de Sala **22.10** Tribunal de Família **23.02** Paus - Madeira **23.48** O Lodo, as Estrelas e os Sábios **0.49** A Dança das Máscaras **2.00** Euronews

SIC
6.35 Malucos do Riso **7.00** Marvels Spider Man **7.25** O11ze **7.45** Uma Aventura **9.05** Olhó Baião **12.10** Vida Selvagem: Animal Babies - First Year on Earth **13.00** Primeiro Jornal **14.20** Fama Show **14.45** Investigação Criminal: Los Angeles **15.40** Ligação de Alto Risco **17.25** A Grande Muralha **19.10** Não Há Crise **19.57** Jornal da Noite **21.30** Isto É Gozar Com Quem Trabalha **0.05** Terra Nossa **1.20** Indomável

TVI
6.15 Todos Iguais **6.50** Campeões e Detectives **8.12** O Bando dos Quatro **9.33** Detective Maravilhas **11.12** Missa **12.35** Mesa Nacional **13.00** Jornal da Uma **14.10** Nunca Desistir **18.20** Pesadelo na Cozinha **19.57** Jornal das 8 **22.00** Mental Samurai **23.25** A Vida Lá Fora **0.07** Querido, Mudei a Casa! **1.00** 1000 à Hora **2.07** Chicago Fire **2.53** Mar de Paixão **3.48** Saber Amar **4.15** TV Shop **5.45** Batanetes

TVCINE TOP
10.05 Ralph Vs Internet (VP) **12.00** Tolkien **13.55** A-X-L: Uma Amizade Extraordinária **15.35** Shazam! **17.50** MIB: Homens de Negro - Força Internacional **19.50** Backtrace - Rasto de Violência **21.30** Anna - Assassina Profissional **23.35** Brightburn - O Filho do Mal **1.10** O Professor e o Louco **3.20** Na Praia de Chesil **5.15** Se Esta Rua Falasse

FOX MOVIES
9.56 McLintock, o Magnífico **11.57** A Última Jornada **13.32** Julgava-te Morto, Mr. Jake **15.16** El Dorado **17.17** Os Quatro Filhos de Katie Elder **19.14** A Velha Raposa **21.15** Um Indomável Rebelde **3.10** Barreira de Fogo **0.59** Yurusarezaru Mono **3.14** Ichimei

CANAL HOLLYWOOD
9.30 Happy Feet (VP) **11.15** Zootrópolis (VP) **13.00** Oh Não! Outra vez Tu? **14.50** Uma Semana a Três **16.15** Velocidade Furiosa 6 **18.25** The Monuments Men - Os Caçadores de Tesouros **20.20** Os Mercenários 2 **22.00** Money Monster **23.45** Projecto X: Fora de Controlo **1.15** A Fúria da Razão **3.05** A Primeira Vitória

AXN
13.47 Gangs de Nova Iorque **16.39** Ex-Mulher Procura-se **18.36** O Senhor dos Anéis - O Regresso do Rei **21.55** Gravidade **23.30** Mystic River **1.53** Sherlock Holmes **3.57** Fúria

AXN MOVIES
14.00 Era uma Vez na América **17.45** Jumanji **19.25** O Livro de Eli **21.15** Push - Os Poderosos **23.07** Whiplash - Nos Limites **0.54** Traffic - Ninguém Sai Ileso **3.17** Cody Banks - Agente de Palmo e Meio **4.52** Duas Semanas

AXN WHITE
13.11 Inesquecível **13.56** Natal a Quanto Obrigas **15.25** Segmentos de Loucura **16.55** A Princesa e o Fuzileiro **18.25** Warren Jeffs: Profeta Fora da Lei **19.55** 19ª Esposa **21.25** Ladrões de Milhões **22.55** Sobrenatural **23.40** Sobrenatural **0.25** Crime Sangrento **2.00** The Halcyon **2.50** Diggstown **3.35** A Teoria do Big Bang

FOX
11.30 Agentes Secundários **13.25** Maze Runner - Correr Ou Morrer **15.20** Jason Bourne **17.25** Liga da Justiça **19.30** O Último Caçador de Bruxas **21.20** A Branca de Neve e o Caçador **23.30** O Caçador e a Rainha do Gelo **1.20** A Salvação **2.55** Chicago P.D.

FOX LIFE
9.19 Chicago Med **13.06** Fascínio Mortal **14.46** Killing Your Daughter **16.42** Pretty Little Stalker **18.39** À Segunda Não Me Escapas **20.20** Mulheres Procuram-se Para Ir a Casamento **22.20** Os Fura-Casamentos **0.35** Espera Aí... Que Já Casamos **2.35** Lei & Ordem: Unidade Especial **5.21** Anatomia de Grey

DISNEY
15.45 Gabby Duran Alien Total **16.10** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **16.35** Sadie Sparks **17.00** Gravity Falls **17.50** Star Contra as Forças do Mal **18.40** Os Green na Cidade Grande **19.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **19.47** Sadie Sparks **20.10** Gravity Falls **21.00** Gabby Duran Alien Total **21.22** A Raven Voltou

DISCOVERY
17.45 Desmontar a História **19.20** Como Fazem Isso? **21.00** A Febre do Ouro: Águas Bravas **3.00** Segredos do Universo com Morgan Freeman

HISTÓRIA
17.00 Mistérios por Resolver **18.33** O Livro Egípcio dos Mortos **20.01** A Pirâmide Perdida **21.33** A Maldição de Oak Island **22.57** Alienígenas **0.21** Alienígenas, Edição Especial **1.04** Ovni: Encontros Perigosos **2.22** À Caça de Hitler **3.48** Os Líderes do Nazismo

ODISSEIA
18.26 Animais Bebés do Mundo **19.15** Borboletas **20.08** América do Norte Vista do Céu: Cidades 24H **21.00** A História dos Emirados **22.00** Avião Supersónico: A Grande Aventura **22.53** Voo Interestelar **23.42** Sex Mundi, a Aventura do Sexo **0.31** Huang's World **1.16** A História dos Emirados **2.16** Avião Supersónico: A Grande Aventura **3.15** Voo Interestelar

DOCUMENTÁRIO

Paus — Madeira
RTP2, 23h02
Os Paus, que tiveram a ousadia de dispensar um *frontman* e puxar (com sucesso) as atenções para uma bateria siamesa, lançaram, em 2018, um disco nascido de uma residência artística na ilha da Madeira e totalmente influenciado por ela. Este filme, realizado por Ernesto Bacalhau, documenta esse processo de trabalho em *Madeira*.

ENTRETENIMENTO

O Artesão
RTP1, 12h05
Um cutileiro, um escoveiro, um construtor de instrumentos musicais, uma cesteira e fazedora de acessórios e um oleiro. Cinco mestres especializados em ofícios tradicionais. Ao longo de dez episódios (o de hoje é o primeiro), vão conhecer, treinar e escolher aprendizes para entrarem nas suas oficinas e arregaçarem as mangas, em nome da passagem de testemunho, para novas gerações, destas artes seculares.

Saber Sabe Bem
RTP2, 19h09
Estreia. É simultaneamente uma entrevista e um concurso. Inês Serra Lopes conversa com um convidado que, por paixão ou dedicação pessoal, se tornou especialista numa dada área – ou que assim se considera. Os seus conhecimentos são então "testados" com desafios sobre o tema. O primeiro episódio convoca Simon Troufa Real, fã da saga *Guerra das Estrelas* desde os seis anos.

INFANTIL

O Panda do Kung Fu 2 (V. Port.)
Fox, 10h
Po (voz de Marco Horácio na versão portuguesa), o mais adorado panda do Vale da Paz, está de volta mais confiante e com os Cinco Sensacionais como seus grandes amigos e aliados. Agora, no cargo de Guerreiro do Dragão, vai deparar-se com um novo e perigoso inimigo: Lord Shen, um pavão de ar terrífico com uma arma secreta e um exército de lobos famintos, que tenciona destruir o kung fu e conquistar toda a China. Pela segunda vez na sua vida, Po acabará por descobrir que as suas fragilidades sempre foram as suas maiores forças.

EM DESTAQUE

Família

Em casa, Rodrigo e Mathilde viajam com os filhos todos os dias

O casal luso-francês, amante do ar livre, cria cenários todos os dias nas divisões do apartamento para viajarem com Pablo (três anos) e Salomé (seis). "Viajamos, fazemo-los sonhar. Uma das primeiras coisas que nos perguntam mal acordam é: 'Onde é que vamos hoje'?" No dia seguinte a ter sido decretado o confinamento em França, a conta de Instagram que desde sempre existiu para guardar as memórias das aventuras em família passou a servir para guardar as memórias das aventuras em família… dentro de casa. Há fotografias dos acampamentos selvagens, das lições de esqui, dos mergulhos e do *snorkeling*, das peripécias do *canyoning* e dos trilhos de cicloturismo, das aulas de ioga, dos desafios de badminton, dos passeios e da comida do mundo. Salomé e Pablo têm escola de manhã, ginástica no YouTube "para os cansar" e uma saída de uma hora por dia autorizada pelo Governo francês. A "foto do dia" é normalmente realizada da parte da tarde. "O fio condutor é um destino diferente para cada dia", diz Rodrigo. **Luís Octávio Costa**

Vinhos

Symington com lançamentos, provas e visitas virtuais

Um dos maiores produtores do Douro, a Symington Family Estates está a tentar fazer a melhor vindima possível destes tempos em que tudo, inclusive o mundo dos vinhos, se mudou para a Internet. Com a Primavera também chegou a hora de realizar os *blends* para os vinhos do Porto e o grupo decidiu revolucionar o tradicional lançamento dos vinhos e dos seus Vintage para o ambiente virtual. A apresentação será transmitida em directo, a 14 de Maio, e necessita de registo prévio. Já para aqueles que planeavam fazer uma visita turística às caves do grupo, agora há uma solução digital. Os três centros de recepção inauguraram o serviço de *tours* virtuais, onde o cliente pode agendar uma hora e receber os vinhos em casa para provar na companhia do guia da Symington. Os pacotes, que variam entre os 90 e os 225 euros, incluem também um *voucher* para uma visita e prova para duas pessoas nas caves, assim que estas reabram as portas. **Fugas**

Literatura

Conversas Confinadas

Na semana em que se comemora o Dia Mundial do Livro (celebrado a 23 de Abril), a Junta de Freguesia de Alvalade põe a fama do bairro, casa de escritores e poetas, ao serviço da comunidade. Desta vez, a prosa passa pelo Facebook e Instagram da autarquia, numa série de *Conversas Confinadas*, para dar voz às letras e quebrar o isolamento social. São seis as sessões, transmitidas entre 19 e 24 de Abril, pelas 21h30. Carlos Vaz Marques é o anfitrião destes encontros, por onde irão passar, respectivamente ao ritmo de um por dia, Gonçalo M. Tavares, Ana Margarida Carvalho, Adriana Lisboa, Bruno Vieira Amaral, José Luís Peixoto e Lídia Jorge. Ainda no âmbito da semana dedicada aos livros, José António Borges, presidente da junta, apresenta um vídeo com as sete obras literárias de referência na sua vida. **C.A.M.**

Artes

Lisboa celebra mês da liberdade com tudo em casa

"Abril em Lisboa é sinónimo de celebração na rua, mas este ano alteramos o convite: festejar em casa, com música, humor, fotografia, *videomapping* e muito mais." As palavras são da EGEAC - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural que, devido à pandemia da covid-19, se propõe a levar a rua para dentro de casa para celebrar a Revolução de 25 de Abril de 1974. Até ao final do mês, com a colaboração de parceiros e artistas, a programação do *Abril em Lisboa #emcasa* passa nas redes sociais Facebook e Instagram. Destaca-se o espectáculo de *videomapping* evocativo dos 45 anos do 25 de Abril, realizado pelo atelier criativo OCUBO, que pode ser visto e revisto entre os dias 23 e 26 de Abril, em vários horários. Os internautas vão ainda poder ouvir Carlos do Carmo e Camané, duas das vozes que marcaram presença no Fado no Castelo. A transmissão será nos dias 19, às 16h, e 26, às 21h. O *quiz* temático e diário sobre a Revolução dos Cravos, os concertos da Orquestra Orbis nas tardes de quarta-feira, as imagens captadas pelo fotojornalista Bruno Portela integradas na exposição *Você Não Está Aqui*, a *playlist* com músicas de intervenção, portuguesas e estrangeiras, os filmes e uma minibiblioteca de livros revolucionários são outras das sugestões. **PÚBLICO/Lusa**

Moda

Naomi Campbell à conversa com ícones da moda

Enquanto as linhas de produção de várias marcas se dedicam a produzir máscaras e outro material de protecção, há muito para desbravar no mundo da moda sem sair de casa e tendo como guia Naomi Campbell, uma das maiores supermodelos de todos os tempos que, no fim de 2019, foi agraciada com o troféu Ícone da Moda nos conceituados Prémios de Moda Britânicos. Campbell tem no ar, há uma semana, uma série de entrevistas "sem filtro" – *No Filter* é o nome da série em que recorre ao FaceTime para se pôr à conversa com estrelas de uma indústria que deixou o *glamour* de parte para acudir à luta contra a pandemia. A primeira convidada foi Cindy Crawford, supermodelo sua contemporânea, com quem esteve cerca de 50 minutos a recordar momentos das suas carreiras. Entretanto, já passaram pelo seu canal de YouTube os estilistas Marc Jacobs, Nicole Richie e Pierpaolo Piccioli; as modelos Ashley Graham, Christy Turlington e Adut Akech; e o realizador e produtor Lee Daniels. Todos falam sobre as suas vidas e expõem um pouco mais do seu quotidiano que o costume – diariamente e em directo.

Estar bem

SYLVERARTS/GETTY IMAGES/ISTOCKPHOTO

"Estamos no meio de uma pandemia e não sei nada do meu filho"

No seio de várias situações que o Governo regulou nesta crise, teve o cuidado de decidir que os regimes de responsabilidades parentais são para manter

Eva Delgado-Martins

No período difícil que atravessamos, todos experimentamos a dificuldade do afastamento da nossa família e amigos. Estar com família é um bom apaziguador desta dificuldade – mas nem todos temos essa oportunidade. Há pais e mães que estão impossibilitados, pelo outro pai ou mãe, de acompanhar o dia a dia dos seus filhos. Hoje damos voz a estes cidadãos e comentamos a frustrante situação que nos testemunham.

Como se sente uma mãe/pai que não sabe que medida de prevenção está o outro a tomar? São várias as reações que nos reportam. Podem presumir, sem certezas: "Presumo que eles estejam em casa, mas não tenho informação sobre medidas que estejam a tomar" (Miguel). Podem, para além do afastamento físico, serem culpabilizados por quererem manter a residência alternada, como está regulado através do acordo das responsabilidades parentais: "Não fui informado de quaisquer precauções, tirando o isolamento social... Quanto às precauções, a mãe considera que impedi-lo de vir faz parte do isolamento social e disse-me que era irresponsável eu ter sugerido que se mantivesse o regime passando a alternância para 15 dias" (João).

Quanto tempo pode, uma mãe/pai, nestas situações não ver os filhos? No caso do João, esse tempo está próximo de um mês, quando a sua expectativa e dos filhos era de 15 dias: "Não o vejo desde o último dia de aulas, foi dia 13, sexta-feira, não o vejo há 24 dias" (João).

O que pode significar para uma mãe/pai não ver os filhos e não poder comunicar ou comunicar parcamente com eles? Para a Sara "tem sido parca a comunicação e magoa (...)". O que se acentua com a incerteza de quando poderá voltar a estar com a filha: "(...) Não sei quando consigo vê-la." Não obstante a angústia criada, ainda há iniciativa para alterar a situação, mas as tentativas são frequentemente frustradas: "Desde que ele saiu, temos tentado manter o contacto diário, mas os únicos contactos que conseguimos foram mensagens de texto, que são, em geral, mensagens de texto curtas e sem informação sobre como ele está" (João).

O que faz (e não deve) um pai/mãe decidindo sozinho, unilateral e prepotentemente, sobre a vida dos filhos? Pode, por exemplo, falsamente usar o pretexto da situação de crise para retirar aos filhos a felicidade da companhia do outro pai/mãe. "Ora, no meu caso, em que as responsabilidades correntes estão entregues à mãe, e as importantes a ambos, tendo eu direitos de visita todas as quartas-feiras e de sexta-feira a segunda-feira de 15 em 15 dias, disponibilizei-me a dividir o tempo com o nosso filho na sequência do fecho da escola, sendo que a mãe respondeu com a suspensão unilateral das visitas, com base na ativação do estado de emergência" (Miguel). Pode também desafiar a decisão do tribunal, sem consequências imediatas, quando tiranamente altera o respetivo acórdão: "O que tínhamos acordado a mãe mudou sem o meu acordo" (João), sequestrando literalmente os filhos. "O meu filho está retido em casa da mãe com aviso dela de que não sai, enquanto isto não acabar" (João).

O que sentem um pai/mãe em que o outro utiliza esta pandemia como pretexto para voltar a guerras antigas que estavam resolvidas pelo tribunal para voltar a atacá-lo? Sentem que tudo parece retornar ao início e que fica em causa uma solução justa e equilibrada conquistada ao fim de muito tempo: "Neste momento a nossa filha está retida em casa do pai. Submeteu um requerimento ao tribunal que assim deve permanecer com ele em quarentena profilática porque estava doente (confirmei via telefone que não tinha nada)! Afirma que a mãe não tem competências. Repetiu todos os argumentos (já provados e discutidos) de um processo que dura há mais de um ano em que tínhamos atingido a 'guarda partilhada'" (Sara).

Além dos pais/mães a quem é subtraída a convivência com os filhos, as principais vítimas desta chocante situação são os filhos, usados como arma de arremesso. Sendo recomendável que, na circunstância desta pandemia, se procure uma redução das transições dos filhos da casa da mãe para casa do pai ou vice-versa, como forma de diminuir a probabilidade de transmissão do vírus, não deve nunca, em caso algum, um pai/mãe utilizar esta crise assustadora para autoritariamente se apoderar dos filhos. Este abuso acentua o desespero e o sentimento de incapacidade de acompanhamento das medidas de saúde dos filhos.

É importante que os pais decidam em sintonia e que os acordos extraordinários sobre circunstanciais alterações à regulação do exercício das responsabilidades parentais sejam assumidos e progressivamente avaliados, em função da alteração das circunstâncias.

No seio de várias situações que o Governo regulou nesta crise, teve o cuidado de decidir que os regimes de responsabilidades parentais são para manter, apelando assim à responsabilização e parceria entre os pais separados ou divorciados.

Mas infelizmente, tal como alguns mães/pais não ficam em casa para garantir uma redução do contágio por covid-19 e melhorar as condições de saúde física dos seus concidadãos, alguns pais/mães aproveitam a crise para voltar ou ter comportamentos incorretos, alienadores, colocando em risco a saúde psicológica dos seus filhos, sobrepondo o seu autoritarismo arbitrário à autoridade refletida do Governo, da Direcção-Geral de Saúde, da Organização Mundial de Saúde, e à soberania dos tribunais. A saúde dos filhos é uma responsabilidade de todos os pais/mães, que devem unir-se para os ajudar a serem mais felizes, porque, livres do contágio vírus, podem conviver ativa e presencialmente com ambos.

Psicóloga e terapeuta familiar

Ler ou não ler, eis a questão

Alexandre Martins

Há uma razão lógica e compreensível para que o golo do Maradona com a mão contra a Inglaterra, no Mundial de 1986, seja o exemplo máximo da falta de carácter de um drogado batoteiro e narcisista, e que o golo do Vata com a mão contra o Marselha, em 1990, seja recordado como um momento de glória na história do Benfica. Como em quase tudo na vida, a verdade depende do ponto de vista do observador; e, como nos dizem os retrovisores, é sempre possível que a verdade esteja mais perto do que nos parece.

Essa tendência para olharmos à nossa volta e só vermos aquilo que nos interessa é tão velha como a própria humanidade ou pelo menos como aquele outro hábito profundamente errado de se achar que os cereais vão para a taça depois do leite, e não o contrário.

Há vários exercícios que podemos fazer para enganar essa tendência natural para acharmos que o mundo tem mesmo de ser assim como nós queremos e pronto. O primeiro, e mais importante, consiste em olhar para o problema como se fosse uma dependência – do jogo, das drogas, do álcool, de fazer sinais de luzes na auto-estrada quando um carro está a ultrapassar outro e o condutor não pode desviar-se para a direita.

Houve um tempo em que era mais fácil admitir que tínhamos um problema e que estávamos dependentes de torcer o braço à vida para que ela dissesse só aquilo que nós queremos ouvir. Mas depois apareceram as redes sociais e as caixas de comentários nas notícias.

Chega a ser comovente, no sentido trágico do termo, assistir a discussões em que pessoas informadas e esclarecidas não conseguem ver uma única falha nas decisões e nos comportamentos das pessoas e das instituições que mais lhes aquecem o coração.

É nesse momento que começa a segunda fase da *operação Por Um Mundo só com Pessoas Burras*: já que os jornalistas não dizem aquilo que nós queremos que eles digam, vamos acusá-los de estarem ao serviço de forças externas. O problema é que são várias as situações em que os mesmos jornalistas são acusados de estarem ao serviço das forças mais distintas.

"O *Público* gosta do Sanders, pronto!", lia-se num dos comentários a uma notícia sobre as eleições primárias do Partido Democrata norte-americano, em Fevereiro. Num outro comentário à mesma notícia, elogiava-se "um artigo aparentemente imparcial sobre política americana", algo de que "o comité central do partido não vai gostar". E, na mesma semana, numa outra notícia sobre as eleições primárias do Partido Democrata, o jornalista que tinha sido denunciado por favorecer Bernie Sanders e elogiado por ser imparcial, foi acusado de ser anti-Sanders e de estar a mando dos "bilionários e da Goldman Sachs".

> *Um jornalista não deve sentir-se limitado por ninguém*

Mas nada se compara aos comentários e *emails* enviados por causa de notícias sobre o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

MIKE BLAKE/REUTERS

"Venho por este meio pedir que, ao invés de propagar um discurso perigoso, manipulador e falso – conhecido vulgarmente como comunismo/socialismo – se informe antes de passar vergonhas e enganar aqueles que, infelizmente, se deixam levar por discursos politicamente correctos por medo de expor a sua opinião", dizia um leitor, na quinta-feira, sobre a notícia de que o Presidente Trump ameaçara suspender a sessão do Senado norte-americano.

Questionado sobre se teria lido a notícia em questão, a resposta chegou tão rápida quanto pouco surpreendente: "É óbvio que não ia perder o meu tempo a ler um artigo que seja de um diário vulgar como o *Público*, que adora formatar gentes comuns."

O diálogo entre jornalistas e leitores nunca foi tão importante como é hoje, e é por isso que não se deve correr o risco de confundir caixas de comentários *emails* ofensivos com tentativas de diálogo. Se servirem apenas para repetir a tendência natural dos protagonistas da política para verem o mundo a preto e branco, os comentários podem estar a contribuir para criar novas gerações de jornalistas que se autocensuram por receio da reacção dos leitores.

E um jornalista não deve sentir-se limitado por ninguém – nem por políticos, nem por gestores, nem por leitores. Só assim, e por mais paradoxal e arrogante que possa parecer tanto a políticos e gestores como a leitores, se defende a liberdade de imprensa e a própria de democracia.

Que venham os comentários e *emails* ofensivos de todas as formas e sabores, foi para isso que Deus criou o caixote do lixo.

alexandre.martins@publico.pt

Opinião

Quem matou Laura Palmer?

O Tigre de Papel
Fernando Sobral

Twin Peaks foi uma série sobre segredos. Saber quem matou Laura Palmer era o menor deles. Hoje o planeta tem pela frente um abismo cheio de mistérios. Perguntamos e o vento não responde. Como mataremos o causador da covid-19? Como sobreviveremos na sociedade pós-vírus? Da mesma forma que, há 30 anos, Twin Peaks mudou a história da televisão, a covid-19 poderá transformar a forma como olhamos para o mundo e para nós próprios. Ou não. Há coisas em comum. Twin Peaks era uma vila industrial que se dedicava quase totalmente à indústria da extracção de madeira. A sua vida económica, de um momento para o outro, ficou moribunda. E descobre-se perdida, no meio de uma estranha luta entre o Bem e o Mal.

O mundo será uma *Twin Peaks* global? E, Portugal, com a doença da sua indústria de extracção, o turismo, poderá ficar desorientado e frágil? O agente Dale Cooper não nos poderá ajudar. *Twin Peaks* nunca foi um mistério para ser resolvido. Foi um disfarce para que puséssemos os neurónios a funcionar, procurando respostas. Não basta saber quem matou Laura Palmer. É preciso saber que economia portuguesa florescerá depois da pandemia. E em que sociedade viveremos.

Não faltam charadas dentro de enigmas por responder. Muitos esperam as respostas do sr. Pedro Siza Vieira, que, quando foi escolhido pelo sr. António Costa para ofuscar o sr. Mário Centeno, parecia o czar de todos os portugais. A economia (e os "negócios") substituiriam as finanças. Aguardava-se o milagre das rosas. Ou o maná vindo do céu. Nada disso. Caiu um tijolo. No início da crise da covid-19, o sr. Siza Vieira anunciou um pacote de medidas económicas escanzeladas. Não convenceram. Esqueciam, sobretudo, as necessidades específicas de um país onde a grande parte das empresas é PME e onde os trabalhadores foram empurrados para a falácia de serem "empresários" a recibo verde.

Agora que essa entidade filantrópica que é o FMI já veio dizer que esta é a maior crise desde a Grande Depressão e que a economia portuguesa cairá 8% este ano, esperam-se estratégias e não tácticas. O sr. Costa e o sr. Siza Vieira escutaram, nestes últimos dias, dezenas de opiniões, por certo sensatas, sobre como retomar a actividade económica. A grande dúvida é se realmente quiseram ouvir algo sobre o modelo económico do futuro. Ou se tinham auscultadores nos ouvidos e escutavam a canção ligeira do costume. Ninguém espera um novo relatório Porter. Mas espera-se uma estratégia coerente com os previsíveis novos tempos. Uma das fragilidades de hoje da nossa economia é a aposta cega no turismo como locomotiva. Qualquer acontecimento inesperado é um soco do sr. Mike Tyson em todas as certezas. Foi o que aconteceu. Quando a sra. Ursula von der Leyen vem dizer que ninguém deve planear as suas férias de Verão, está a recomendar aos habitantes do centro e do Norte da Europa que não se desloquem para o Sul. E nos próximos Verões, como será, com mais fronteiras, muita desconfiança, companhias aéreas falidas? Face a isso, o sr. António Costa já veio dizer que o aeroporto do Montijo é para manter, mesmo sabendo que o sector da aviação está em choque traumático, como é evidente na TAP. É sensato esse atentado ao ambiente? É claro que, daqui a uns meses, tudo poderá mudar. Lisboa põe, mas, como no futebol, Berlim dispõe. Não haverá austeridade, como parece acreditar o Governo? Nesta página, uma ilustração de "O Zé", de 1912, explica tudo.

Se a isto juntarmos a incógnita de quais serão as consequências das necessidades de financiamento de Portugal nos próximos anos, tudo é um mistério. A UE não deixou ainda de falar no controlo de custos na saúde. E as agências de *rating*, essas deusas da Hollywood financeira, como se comportarão perante mais um montão de dívida para juntar à que já temos? Dançarão connosco ou comprarão uma guilhotina?

É preciso uma válvula de escape. Rápida. Isso não invalida que a Europa esteja enferma. Há dias, o filósofo Alain Touraine, numa entrevista ao *El País*, fazia as comparações: "Talvez o mesmo sentimento existisse durante a crise de 1929. Eu nasci um pouco antes: tudo desaparecia e não havia ninguém, nem à esquerda nem nos governos. Mas é verdade que o vazio foi rapidamente preenchido pelo senhor Hitler. O que mais me impressiona agora, como sociólogo e historiador do presente, é que há muito tempo que eu não sentia esse vazio." É esse vazio, de líderes e ideias, que será, após o debelar da crise, o mais preocupante.

Jornalista e escritor

O valor da vida

Em 1949, os norte-americanos viviam aterrados. Acreditavam que a União Soviética lançaria armas atómicas sobre os EUA. Em pânico, a Casa Branca pediu a especialistas da Rand Corporation que elaborassem uma estratégia de defesa. O plano era simples e idiota: o espaço aéreo americano deveria estar cheio de aviões pequenos no momento do ataque. Os mísseis soviéticos acertariam neles, produzindo menor dano do que se chegassem ao solo. Morreriam milhares de pilotos para salvar milhões de habitantes. O pretenso Da Vinci dos nossos tempos, o sr. Donald Trump, decidiu agora "castigar" a Organização Mundial de Saúde (independentemente dos erros desta) com o corte de fundos. Para salvar a sua pele, sacrifica milhões de seres humanos que recebem apoios de outros programas da OMS. Para quem só há "vencedores" e "perdedores", percebe-se o quanto vale uma vida. Em Portugal, também se vive um desvario. Alguns responsáveis só vislumbram a covid-19. É grave, sem dúvida. Mas continuam a existir outros doentes, muitos deles com idêntica fragilidade. O valor de uma vida é igual. Não há uns mais iguais do que os outros.